

XI SEMINÁRIO TEMÁTICO

Têxteis, Moda e Museus

Organizadoras

CARLA ZENITA DO NASCIMENTO

EDINEIA PEREIRA DA SILVA

ELISIANE MAFEZOLLI

XI SEMINÁRIO TEMÁTICO

Têxteis, Moda e Museus

Reitora

Rosemari Glatz

Vice-Reitor e Pró-Reitor de Administração

Sergio Rubens Fantini

Pró-Reitor de Graduação

Sidnei Gripa

Pró-Reitora de Pós-graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura

Edinéia Pereira da Silva

Coordenação Editorial

Rafaela Bohaczuk Venturelli Knop

Rosemari Glatz

Produção Editorial

Equipe Editora da UNIFEBE

Projeto Gráfico e Diagramação

Barbária Criativa

Revisão Geral

Francisco Daniel Imhof

Editora da UNIFEBE

Mantenedora Fundação Educacional de Brusque (FEBE)

Mantida

Centro Universitário de Brusque (UNIFEBE)

Rua Vendelino Maffezzolli, 333 - Bairro Santa Terezinha

CEP: 88352-360 - Brusque - SC - Cx. Postal 1501

+55 (47) 3211 7000

unifebe.edu.br

editora@unifebe.edu.br

Comitê Científico

Edinéia Pereira da Silva

Carla Zenita do Nascimento

Elisiane Mafezoli

Josely Cristiane Rosa

Wallace Nóbrega Lopo



XI Seminário temático: têxteis, moda e museus /
Carla Zenita do Nascimento, Edinéia Pereira da Silva,
Elisiane Mafezoli (org.). – Brusque: Ed. UNIFEBE,
2023.

152 p. : il. color. ; 4MB.

ISBN 978-65-86346-64-0

1. Indústria têxtil. 2. Moda. 3. Museus. I. Nascimento, Carla
Zenita do. II. Silva, Edinéia Pereira da. III. Mafezoli, Elisiane.

CDD 391

Ficha catalográfica elaborada por Bibliotecária - CRB 14/727



Copyright ©2023 Editora da UNIFEBE

Todos os direitos reservados. Qualquer parte desta publicação poderá ser reproduzida, desde que citada a fonte. Os capítulos/livros são de responsabilidade dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião do Conselho Editorial ou da Editora.

APRESENTAÇÃO

O trabalho para a preservação da memória histórica da cidade de Brusque e região no Centro Universitário de Brusque - UNIFEBE, teve início, de forma efetiva, no ano de 1997, com a criação do Centro de Documentação Oral e Memória – CEDOM. Atuando de forma dinâmica junto à comunidade, o espaço teve como objetivo o desenvolvimento da pesquisa histórica acerca da memória da comunidade.

Com destacada atuação, reuniu importantes acervos de obras, artefatos e documentos históricos, entre os quais, destacam-se os Jogos Abertos de Santa Catarina, Força Expedicionária Brasileira – FEB, além de um rico acervo de História Oral acerca da História regional. No ano de 2007, o trabalho do CEDOM foi interrompido, e a guarda do acervo ficou sob a responsabilidade da Biblioteca Acadêmica.

Em 2012, a instituição estrutura um Programa Permanente de Extensão, intitulado História e Memória Regional, com o objetivo de promover ações integradas entre ensino, pesquisa e extensão voltadas a reconstrução da memória histórica e sociocultural de Brusque e região. O programa cria um Laboratório de História, visando a preservação dos acervos constituídos; organiza um grupo de estudos e passa a organizar um evento anual para difundir temáticas relacionadas à História – O Seminário Temático, que atualmente está em sua XI Edição.

As iniciativas seguiram com êxito e, em 2017 a UNIFEBE passa a receber importantes acervos da comunidade, entre eles os documentos das centenárias indústrias têxteis, responsáveis pela identidade econômica e sociocultural de Brusque e Região. A nova

fase é marcada pela assinatura de um convênio para a guarda e preservação do acervo histórico pessoal de Maria Luiza Renaux (*in memoriam*), entre seus familiares e a Fundação Educacional de Brusque.

Ampliando o acervo, as iniciativas se seguiram, e a instituição passa a receber uma série de documentos, fotos e artefatos têxteis da Companhia Industrial Schlösser e Buettner S/A Indústria e Comércio. E, dando continuidade à ampliação do acervo, foi inserido itens da moda que estavam sob os cuidados do curso de Design de Moda da UNIFEBE.

Contudo, o ano de 2019 pode ser considerado o grande marco desta longa trajetória, ano em que iniciou o trabalho para a consolidação de um espaço definitivo de preservação da história. Após amplo estudo, realizado por professores e colaboradores, e com o envolvimento e olhar singular da Reitora do Centro Universitário de Brusque – UNIFEBE, Profa. Rosemari Glatz, fica definido a criação de um Centro de Memória. Desta vez, deixando o status de projeto para se consolidar como setor incorporado à Biblioteca Acadêmica.

No mesmo ano, inicia uma série de formações e busca por projetos de fomento. Capacitações acerca de conservação preventiva de documentos, processamento técnico, museologia, arquivologia e aprovações de projetos junto ao governo do Estado de Santa Catarina, foram algumas iniciativas que contribuíram para o início desta nova fase.

O Seminário Temático, realizado por dez anos ininterruptamente, foi umas das sementes que germinou e frutificou, resultando neste grande encontro de acervos. E, esta obra é materialização e registro do XI Seminário Temático: Têxteis, Moda e Museus.

Com todo carinho e respeito à memória daqueles que nos antecederam ao longo da História; à comunidade que caminha junto conosco, fazendo história neste tempo presente, e aos que estarão à frente no futuro – o nosso muito obrigada!

Primavera de 2022

EPÍGRAFE

“Quando fecho os olhos e trato de visualizar arquivos, bibliotecas e museus como lugares de memória eu imagino massas de papel, acúmulo de objetos, livros nas estantes. Papeis, objetos e livros não é outra coisa que papeis, objetos e livros. Então, como se agencia a memória? Acredito que seja pela vontade da memória com que me aproximo dessas coleções. Mas como essa vontade se materializa? Isto é, como ela vem-a-ser?”

Eduardo Ismael Murguia



1973



FEBE

*A Fundação Educacional de Brusque
foi criada por lei municipal n.
527/73, de 15 de janeiro de 1973.*



1997



CEDOM

*Centro de Documentação Oral e
Memória,
fundado em 1997.*



2003



UNIFEBS

Em 12 de agosto de 2003, foi aprovada a criação do Centro Universitário de Brusque – UNIFEBS, credenciado pelo decreto n.º. 647, do governo do estado de Santa Catarina.



2022



CENTRO DE MEMÓRIA

Fundado em 30 de novembro de 2022.

SUMÁRIO

Musealização de vestimentas nos museus brasileiros 16

Manon Salles

Centro de Memória UNIFEBE 30

Elisiane Mafezoli e Carla Zenita do Nascimento

**Os desafios da musealização, conservação
e exposição do têxtil** 42

Doris Couto

A Moda no Museu 52

Jeane C. Mautoni

Acervo Têxtil do Museu Casa de Brusque: um registro da história regional	64
<i>Luciana Pasa Tomasi e Vandrezza Amante Gabriel</i>	
.....	
Acervo de Moda do Museu Histórico de Itajaí: história e conservação	76
<i>Tayná Mariane Monteiro de Castro e Yasmin Sayegh Al Kas</i>	
.....	
O Museu da Moda de Belo Horizonte e a construção do seu acervo	86
<i>Victor Pinheiro Louvisi e Marina Seif</i>	
.....	
A família Krieger no contexto da moda em Brusque	96
<i>Carmelo Krieger, Izabel Krieger Moritz, Dinorah Krieger Gonçalves, Jorge Paulo Krieger Filho e Vandrezza Amante Gabriel</i>	
.....	
Coleção de indumentárias do Centro de Memória Ingo Hering	108
<i>Alan Júnior Zabel, Kahina Thirsa Hostin e Victor Armando Baumann</i>	
.....	



Era uma vez...

MUSEALIZAÇÃO DE
VESTIMENTAS NOS
MUSEUS BRASILEIROS

Resumo

Este artigo propõe a análise sobre as coleções de moda, de indumentárias e de têxteis, nos museus brasileiros, como fenômeno cultural recente. Em função da proposta da nova museologia em abarcar a diversidade de objetos e valorizar acervos, antes inferiorizados dentro das instituições, a roupa e a forte memória que ela carrega, passou a oferecer diversas possibilidades de novas leituras.

Palavras-chave: Museus; Cultura material; Vestimentas.

¹Manon Salles é mestre e doutora pela Escola de Comunicações e Artes da USP, idealizadora e coordenadora do Seminário Moda uma abordagem museológica, desde 2018, realizado através da Escola de Museologia da UNIRIO em parceria com a EBA UFRJ e da Fundação Casa de Rui Barbosa. Foi responsável pela documentação e conservação dos acervos têxtil/moda no Instituto Zuzu Angel (2016-2019). Professora universitária nas áreas de moda, arte e conservação, nos últimos trinta anos. Atualmente esta realizando seu segundo Mestrado no programa PPG MUS, da Escola de Museologia da UNIRIO.

² O Conselho Internacional de Museus (ICOM) aprovou (24/8/2022) em Praga, capital da República Checa, uma nova definição para museu. O texto traz mudanças importantes com relação à definição que vigorava até agora, incorporando termos e conceitos relacionados a desafios contemporâneos, tais como sustentabilidade, diversidade, comunidade e inclusão.

³ Museu Paulista da Universidade de São Paulo, também conhecido como Museu do Ipiranga ou Museu Paulista, é o museu público mais antigo da cidade de São Paulo.



⁴ Maria do Carmo Rainho, professora universitária e pesquisadora, apresentou a palestra sobre a moda em um museu histórico, em Maio de 2022, no IV Seminário Moda uma abordagem museológica, gravado no youtube . Link: <https://www.youtube.com/watch?v=ElJSUEcj-Gk>

⁵ Em 1951, o MASP realizou um desfile de moda que apresentava a coleção do estilista francês Christian Dior (1905-1957). O desfile foi viabilizado por Paulo Franco, então proprietário da Casa Vogue — uma das mais renomadas casas de moda de luxo de São Paulo — e importante colaborador de Pietro Maria Bardi (1900-1999), diretor-fundador do MASP, no projeto de formação da coleção de vestidos do museu. A opção de apresentar no desfile a coleção de Christian Dior se deu em razão do prestígio da ‘maison’ [casa] de alta costura francesa, então com cinco anos, mas já uma referência no mundo da moda. Em contrapartida à realização do desfile, Franco doaria ao acervo do MASP o traje ‘Costume para o ano 2045’, feito por Dior em parceria com o artista espanhol Salvador Dalí (1904-1989). O desfile Dior foi precedido por uma apresentação de trajes antigos, ao som de músicas da época e do traje desenhado por Dalí. Também foram desfiladas indumentárias características de outras culturas, emprestadas pela Union Française des Arts du Costume. Toda a produção envolvida no desfile indica a intenção — de Franco e Bardi — de apresentar à alta sociedade paulista as novidades de Christian Dior e, ainda, de conferir à moda status de criação artística. Nasceu, desse modo, a coleção de costumes do MASP, que hoje conta com mais de 100 looks de moda. (Fonte: site do Museu).

⁶ Fui convidada durante a pandemia (2020-21), para participar do projeto que visava resgatar a coleção de trajes e acessórios que fizeram parte da vida social da empresária e colecionadora. A curadoria da exposição foi realizada pelo professor Bruno de Almeida Maia, sendo minha colaboração com uma palestra de abertura e o texto para o catálogo da exposição.

⁷ O Museu de Moda e Têxtil UFRGS é um órgão complementar, de caráter científico e pedagógico do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes e está vinculado a Rede de Museus e Acervos Museológicos da UFRGS – REMAM. Trata-se de um museu de natureza digital, que disponibiliza seu acervo de forma on-line, através de seu site, visando a salvaguarda, a preservação e exposição de seu acervo, bem como dialogar a história, as práticas, a cultura e a memória da moda e de têxteis.

⁸ Segue o link da tese de doutorado da pesquisadora Vera Felippi, para melhor compreensão da formação do museu, embora com acervo físico, também tem digitalizada. Museu Moda e Têxtil UFRGS: fonte de preservação e pesquisa em ambiente digital. Foi publicado em abril de 2021 o livro Decifrando Rendas , no formato físico e digital, pela mesma pesquisadora.

⁹ É possível conhecer um pouco do acervo do MMOS e acompanhar suas atividades por meio de sua Página na plataforma do Instagram @mmos.ufjf

¹⁰ O acervo inclui, ainda, diversos materiais referentes ao campo de criação e pesquisa da fábrica Ferreira Guimarães, fechada em 2009, com catálogos, revistas, objetos, cadernos técnicos, quadros, arquivos de pedidos de clientes e cerca de 150 modelos de estampas da década de 1990 pintadas a mão, apresentando colagens e técnicas diversas, idealizadas por designers de países como Itália, França, Espanha e Estados Unidos.

¹¹ Como modelo de museu empresarial no âmbito da moda, a empresa Hering foi pioneira ao reunir roupas, objetos, documentos, maquinários e fotografias que estivessem ligados à história das famílias de imigrantes alemães, propondo a abertura de um espaço museológico em 1980. Atualmente o Museu Hering e o Centro de Memória Ingo Hering, fazem parte da Fundação Hermann Hering.

Introdução

Acompanhamos nas variadas instituições, seus esforços para a coleta e a difícil conservação desse tipo de artefato e percebemos que as coleções têxteis existentes, se formaram de muitas maneiras e por diversos objetivos nos museus brasileiros. A proposta desse artigo é evidenciar, algumas ações realizadas a partir das novas orientações do ICOM em 2022², estabelecendo que: “Os museus, sejam abertos ao público, acessíveis e inclusivos, fomentado a diversidade e a sustentabilidade”.

A constituição de uma coleção é sempre empreendida a partir de critérios por parte da instituição ou de um curador, que seleciona alguns objetos em detrimento de outros. No momento atual, as propostas curatoriais vão além do estudo e classificação das coleções, como em épocas anteriores, para se pautar na função social do museu e na relação do homem com o objeto (FERRAZ, 2015).

Os Museus modernos têm-se afirmado como um fenômeno cultural, principalmente nas sociedades ocidentais desde o século XIX, e as coleções de roupas tem despertado olhares e análises a partir de uma variedade de disciplinas como a história, a antropologia, a sociologia, entre outras, levando a uma multiplicidade de teses sobre esses objetos, sendo valorizados enquanto parte importante da cultura material.

Dos acervos de cultura material, a roupa talvez seja a que tem uma relação mais forte com o ser humano por estar intrinsecamente associada a uma função utilitária que faz dela uma das prioridades mais básicas (COELHO, 2018).

Quando trazemos a questão para a realidade brasileira, a primeira pergunta que coloco para refletirmos um pouco sobre este assunto é: Qual o interesse atual por essas coleções de moda nos mais diversos tipos de museus no País?



Fonte: Museu Mariano Procópio (2023).

Fardão que pertenceu a D. Pedro II



Fonte: Museu do Ipiranga (2023)

Par de sapatos infantil



*Conjunto tailleur que pertenceu a
Ema Klabin*

A IMPORTÂNCIA DA ROUPA E SUAS INÚMERAS NARRATIVAS DENTRO DAS COLEÇÕES MUSEAIS

Essas ricas coleções, estão sendo conservadas nos diversos tipos de instituições, classificadas e documentadas a partir de diferentes narrativas em função do tipo de museu que podem ser desde os museus casa, como também os museus de arte, os museus universitários, os museus empresariais e os poucos museus da moda e do traje, existentes no Brasil.

Nos museus históricos, as coleções foram criadas com roupas, medalhas, uniformes, chapéus e outros acessórios que pertenceram a algum importante personagem ou relacionadas com um fato histórico. Junto ao esboço de uma memória nacional, os museus adquiriram peças em sua maioria relacionadas aos símbolos masculinos de poder (FREESZ, 2013).

Criados a partir de um modelo europeu, nossos museus históricos, como o Museu do Ipiranga³ (1895), Museu Mariano Procópio (1915), o Museu Histórico Nacional (1922), o Museu Imperial em Petrópolis (1940), entre outros, são instituições que conservam ainda hoje, significantes coleções de vestimentas de diversas origens e períodos. A prática de colecionar e mais adiante doar esses objetos a um museu, realizada pela elite brasileira, sempre esteve relacionada a

uma demonstração de riqueza e poder.

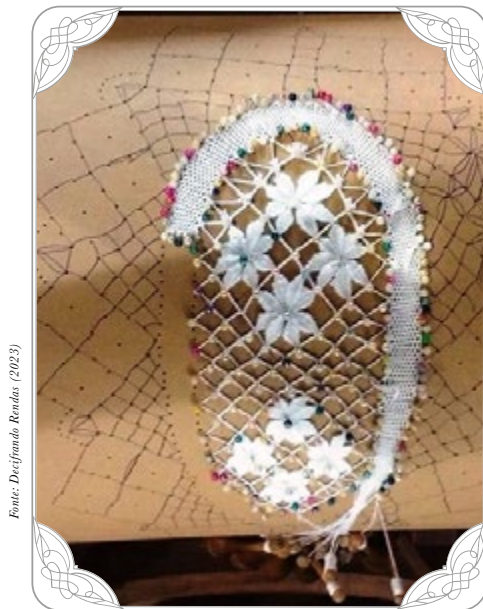
Sendo o conhecimento específico sobre a função patrimonial de trajes em museus de extrema importância, essa é ainda uma área muito nova no Brasil.

O Museu Ipiranga, tem em sua conservadora têxtil, uma referência na área, sendo reaberto em setembro 2022, após nove anos fechado para obras. Agora, com 49 salas expositivas que vão revelar uma expressiva variedade de peças da coleção de 450 mil itens, muitos deles restaurados e em um novo contexto expográfico.

Segundo Teresa Cristina Toledo de Paula, supervisora da Seção Técnico-Científica de Conservação de Acervos, "o especialista decide qual o tratamento indicado, que vai variar de acordo com as necessidades da peça e do material que é feita". Os objetos estão agora inseridos em uma nova proposta museal, permeada por narrativas que fazem parte de um olhar contemporâneo, proporcionando experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimento, de acordo com as diretrizes do ICOM em 2022.

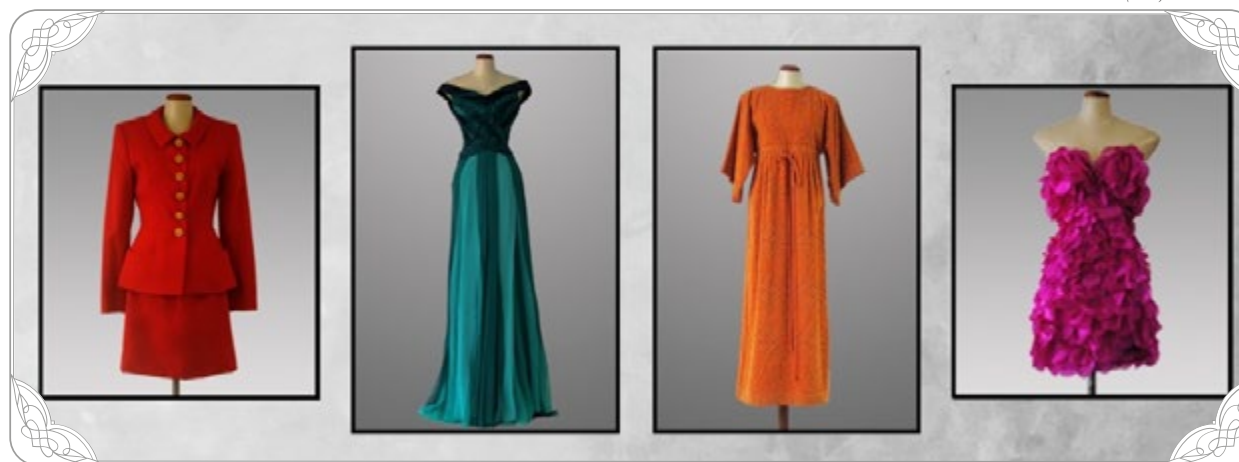
Em outra questão trazida por RAINHO (2022)⁴,





Fonte: Decifrando Rendas (2023)

Renda de Bilro



Fonte: Museu Social da Moda (2023)

Roupas de coleções variadas

se refere à atribuição de valor prévio e imutável aos objetos, quaisquer que sejam seus atributos intrínsecos. Se nos museus da Moda essa contaminação se dá mais frequentemente pela relação entre uma determinada peça e o seu criador – costureiro, estilista, designer – nos museus históricos o mais comum é uma atribuição de valor apoiada na biografia do portador, em sua maioria membro das camadas dominantes, com o objeto evocando situações ou eventos.

Dentro dessa mesma perspectiva, podemos acompanhar no Museu de Arte de São Paulo (MASP), a necessidade de novos olhares para repensar seu acervo, suas exposições e projetos curatoriais.

Considerando a antiga relação do MASP com a moda, seja através de seus desfiles com nomes da alta costura francesa como Christian Dior⁵ ou mesmo com cerca de oitenta peças de roupas que fizeram parte dos desfiles da Rhodia nos anos 1960, doados para o museu em 1972, acompanhamos em 2021, o convite feito a Hanayrá Negreiros, pesquisadora que trabalha com as estéticas africanas e afro-diaspóricas que se manifestam pelo vestir, para assumir a curadoria adjunta de moda.

Fonte: Coleção Nosso Sagrado. Museu da República. (2023)



Capa em veludo marrom com bordados

O MUSEU CASA E SUA MEMÓRIA ATRAVÉS DOS TRAJES

Já nos diversos museus casas, a coleção é formada por roupas e objetos que pertenceram a algum personagem com reconhecimento histórico, artístico ou cultural, que na maioria das vezes, morou naquele local. Vestidos, sapatos, casacos, jóias que durante décadas não conviveram com as “obras de arte” nos espaços expositivos da Casa Museu Ema Klabin, passaram a ter visibilidade através da exposição “Ema e a Moda no século XX – as roupas e a caligrafia dos gestos”, realizada em outubro de 2021, em São Paulo⁶.

Como relatou o curador da instituição, Paulo de Freitas Costa: “Esta exposição apresenta, pela primeira vez, o núcleo de moda da Coleção Ema Klabin, e se insere no tema anual Outras Narrativas, com uma forma inédita de abordar a história de Ema Klabin e da moda, considerando suas roupas simultaneamente como criações artísticas e como documentos do período em que viveu”.

A mostra teve como objetivo, contar uma breve história da moda dos anos 1920 aos anos 1980 por meio de 18 peças criadas por grandes estilistas fran-

ceses como Jean Patou, Christian Dior e Maggy Rouff, acessórios e fotografias da colecionadora e mecenas Ema Klabin. Mesmo se tratando de mais uma coleção da elite brasileira, podemos perceber através das escolhas vestimentares de Ema Klabin, o uso de trajes, por ela vestidos, fortaleciam o papel profissional da mulher como empresária em um cargo de chefia, dentro de um ambiente ainda fortemente masculino.

Portanto, as revisões são necessárias, pois o que move os museus no tempo e lhes assegura a existência está muito além da presença de acervos, da excelência técnica ou do interesse dos públicos: está na sua própria essência enquanto representação simbólica, e na sua intrínseca – e constante – capacidade de transformação (SCHEINER, 2020).

Visando reunir profissionais de vários países, publicando nos encontros científicos, pesquisas e os objetivos das instituições museais no contexto contemporâneo, foi criado o Costume Comitê Internacional do ICOM para Museus e Coleções de Traje, Moda e Têxteis, em 1962, e as novas narrativas criadas a partir do mesmo acervo vem sendo recorrentes ou também, processos de revisão documental e muzealização de novas aquisições.

ROUPAS, OBJETOS E COLEÇÕES TÊXTEIS CONSERVADAS POR UNIVERSIDADES

Os Museus Universitários são criados normalmente para dar apoio ao ensino e pesquisa dentro de uma instituição de ensino superior. Talvez, seja este o modelo mais antigo na formação dos museus, se considerarmos o Museu Ashmolean, na Universidade de Oxford, na Inglaterra, o primeiro museu moderno deste tipo (1683), originalmente localizado no edifício que agora é o Museu da História da Ciência.

Além do já citado Museu Paulista ou também conhecido como Museu do Ipiranga (um dos museus universitários da Universidade de São Paulo) e sua

enorme coleção de artefatos têxteis, acompanhamos duas outras iniciativas recentes relacionadas com a preservação da memória a partir de objetos têxteis em ambientes acadêmicos, na UFRGS em Porto Alegre e na UFJF em Juiz de Fora.

O Museu de Moda e Têxtil UFRGS⁷ teve início a partir de uma coleção de rendas, doadas pela família de Lucy Niemeyer. A Coleção é composta de 201 objetos têxteis que foram doados para a UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), pela Prof. Dra. Lucy Carlinda da Rocha Niemeyer. Os objetos foram colecionados ao longo da vida de sua mãe. O projeto e mais tarde, espaço de guarda da coleção, foi criado a partir da tese de Doutorado⁸ da pesquisadora Vera Felippi.

Já o Museu da Moda Social (MMOS) da UFJF foi criado com o objetivo de constituir um acervo técnico e histórico de roupas e acessórios, femininos e masculinos, com o foco principal no segmento do Traje Social, ou seja, a indumentária das atividades sociais, usadas em festas, reuniões, coquetéis e casamentos, a partir da grande doação feita a instituição pela Sra, Christina Queiroz. O projeto foi organizado

pelo Professor do Bacharelado em Design de Moda, Luiz Fernando Ribeiro, hoje diretor do museu, tendo como missão resgatar, preservar, conhecer, ensinar e exibir o acervo técnico para a comunidade acadêmica, o público local e regional, através de exposições, visitas técnicas e até mesmo midiáticas⁹. A criação do Museu da Moda Social (MMOS)¹⁰ remete à trajetória da cidade como polo da indústria têxtil no século XX. Alçadas à condição de patrimônio cultural e artístico face à sua importância histórica, as vestimentas, assim como calçados e acessórios, carregam memórias individuais e coletivas, traduzindo a sociedade de determinada época e toda a movimentação econômica e produtiva nela refletida.



MUSEUS, TRAJES E ARTEFATOS HISTÓRICOS. QUE HISTÓRIA PODEMOS CONTAR?

Neste breve artigo, não terei como abordar as diversas iniciativas ocorridas em outros formatos de museus, como os empresarias¹¹, ou digitais, pautadas na ressignificação de suas coleções têxteis, acessibilidade, inclusão e sustentabilidade.

Mas gostaria de destacar antes da conclusão, as ações recentes, realizadas por dois tradicionais museus históricos brasileiros, a partir de um novo olhar da sociomuseologia, que traduz uma adequação das estruturas museológicas da sociedade contemporânea.

A exposição “Íandé – aqui estávamos, aqui estamos”, trouxe um novo olhar decolonial para abordar a trajetória dos povos originários brasileiros desde

antes da chegada dos portugueses até os dias atuais, sendo inaugurada em Fevereiro de 2023, com a roda de conversa, incluindo representantes dos povos Kanindé (CE) e Yawanawá (AC).

Segundo o museu, a diversidade dos povos originários no Brasil está presente também em objetos que compõem o acervo do Museu Histórico Nacional, evidenciando usos, costumes e hábitos integrados ao cotidiano brasileiro, e questionando sobre o que estes itens dizem sobre a contemporaneidade e a história dos mais de 250 povos que vivem hoje no país.

Os museus para serem realmente atuais, precisam interpretar e expor seu patrimônio material e imaterial de forma inclusiva, dando voz a outros “ato-

res”. O discurso do museu sobre a história do Brasil tem sido alvo de uma reflexão crítica, especialmente neste momento em que celebramos 100 anos de existência, diz Pedro Colares Heringer, diretor substituto do Museu Histórico Nacional. “Isso tem gerado uma revisão conceitual de nossas perspectivas. Isso é fruto desse esforço e da necessidade de dar protagonismo às histórias que durante muito tempo foram invisibilizadas”.

Nesse processo atual e legítimo de dar voz aos protagonistas dos objetos musealizados e de suas histórias, foi assinado entre o ministro dos Direitos Humanos e Cidadania, Silvío Almeida, um acordo de cooperação técnica com a Defensoria Pública da União e o Museu da República – que abriga a Coleção Nosso Sagrado, formada por peças de religiões de matriz africana apreendidas pela polícia entre 1890 e 1946. O convênio tem como um dos objetivos ampliar o material de pesquisa da Coleção Nosso Sagrado – formada por 519 objetos sagrados de religiões de matriz africana, entre eles trajes religiosos, que foram apreendidos pela polícia fluminense – que está desde 2020 sob a guarda do Museu da República, em uma

Gestão Compartilhada com lideranças religiosas.

De algum modo, a Coleção Nosso Sagrado, ganha nova vida, encarna novos sentidos e significados, projeta-se mais viva e mais livre num futuro que há de trazer mais vida, mais conhecimento, mais pesquisa, mais ações educacionais e mais força para combater o racismo religioso” - garante Mário Chagas, diretor do Museu da República e presidente do MINOM (Movimento Internacional para uma Nova Museologia).

Referências

CHAGAS, Mario ,PRIMO Judite, ASSUNÇÃO Paula, STORINO Claudia. A museologia e a construção de sua dimensão social: olhares e caminhos. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 55, n. 11, 2018.

COELHO, Ivan de Sá. **Matrizes do pensamento museológico de Gustavo Barroso**. Ivan Coelho de Sá. Rio de Janeiro. Escola de Museologia UNIRIO: Interciência LTDA, 2019.

FERRAZ DE LIMA, Solange, CARNEIRO DE CARVALHO, Solange. Cultura visual e curadoria em museus de História. **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, v. XXXI, n. 2, p. 53-77, dezembro 2005.

FREESZ, Clara Rocha. **O Museu Mariano Procópio e seu acervo de indumentária** - os trajes do imperador. XXVII Simpósio Nacional de História-Conhecimento histórico e diálogo social. 2013

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra A exposição museológica e o conhecimento histórico. In: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves.

PAULA, Teresa Cristina Toledo de. **Tecidos e sua conservação no Brasil**: museus e coleções. São Paulo: Museu Paulista da USP, 2006.

SALLES, Manon (org). **Museologia da Moda**. Acervos e coleções no Brasil. São Paulo. Editora Alameda, 2023.



A roupa depois da cena. 2015. Tese (Doutorado) Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SCHEINER, Tereza Cristina. **O museu como processo.** Museus e Museologia: conceitos e relações em retrospectiva. Rio de Janeiro. Editora UFRJ, 2020.

VIDAL, Diana Golçalves (org). **Museus:** dos gabinetes de curiosidade a museologia moderna. Belo Horizonte, MG, Argumentum, Brasília, DF, CNPQ, 2005.

CENTRO
DE MEMÓRIA
UNIFEBE

Elisiane Mafezoli¹

Carla Zenita do Nascimento²

Resumo

O objetivo geral deste trabalho é descrever como o Centro de Memória UNIFEBE organiza, acondiciona, armazena, classifica e disponibiliza digitalmente os documentos históricos sob sua guarda. As coleções existentes, são referentes as Fábrica de Tecidos Carlos Renaux; Indústria Buettner; Companhia Industrial Schlösser; extinto Centro de Documentação Oral e Memória – CEDOM; Modateca; Jogos Abertos de Santa Catarina – JASC; e, artefatos da Segunda Guerra Mundial. Apresenta-se as etapas necessárias para manutenção do acervo, desde a chegada dos documentos, processamento técnico e acondicionamento, até finalizar com seu armazenamento. Versa ainda sobre a importância dos espaços de memória e como estes são importantes, na preservação da memória da sociedade.

Palavras-chave: Memória; Patrimônio Cultural; Acervo; História; Indústria Têxtil.

¹Bibliotecária do Centro Universitário de Brusque – UNIFEBE. Pesquisadora responsável pelo Centro de Memória UNIFEBE. elisiane@unifebe.edu.br.

²Bibliotecária do Centro Universitário de Brusque – UNIFEBE. Gestora da Biblioteca Acadêmica. carla@unifebe.edu.br

CENTRO DE MEMÓRIA



Introdução

O Centro de Memória UNIFEBE, do Centro Universitário de Brusque – UNIFEBE, é um espaço físico dentro da Biblioteca Acadêmica que reúne, organiza, preserva e disponibiliza digitalmente os documentos históricos sob sua guarda. Esses documentos que compõe o acervo, por possuírem caráter histórico, fazem parte do Patrimônio Cultural. A Constituição Brasileira de 1988 em seu Art. 216, conceitua patrimônio cultural como “bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” (BRASIL, 2015, p. 126).

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, caracteriza os bens materiais como o que conseguimos “ver”, que estão em alguns suportes. Sítios arqueológicos, quadros, objetos, vídeos, fotos, entre outros, são alguns exemplos. Quanto

aos bens imateriais, estes podem ser descritos como manifestações, crenças e práticas da vida social, passadas de geração em geração. Patrimônio cultural, portanto, é tudo o que identifica um grupo e marca a identidade daqueles que de alguma forma interferiram e transformaram a sociedade, deixando a memória como legado: em algum suporte ou através das gerações.

Partindo dessa prerrogativa, faz-se necessária ações para a preservação e manutenção desse legado, garantindo o respeito à memória da sociedade, e conseqüentemente, ao patrimônio cultural (SANTA CATARINA, 2002).

Seguindo esse contexto, o objetivo geral deste trabalho é demonstrar como o Centro de Memória UNIFEBE organiza, acondiciona, armazena, classifica e disponibiliza digitalmente os documentos históricos sob sua guarda.



O ACERVO DO CENTRO DE MEMÓRIA UNIFEFE

O acervo histórico garante à sociedade traços materiais dos fatos, eventos e ideias passadas. Esses registros contam não só a história de povos e grupos passados, mas também contam sobre a cultura, sobre o modo de vida, suas relações e a construção da sociedade.

Por acervo entende-se “Conjunto de bens que constituem um patrimônio pessoal, institucional ou nacional” (MICHAELIS, 2022). Nesse sentido, acer-

vo histórico, nada mais é do que o que esses conjuntos de bens representam, contam e significam para a construção da sociedade. E, a esses bens, dá-se o nome de documento.

Por sua vez, documento é “o registro de uma informação independentemente da natureza do suporte que a contém” (PAES, 2006, p. 26). Sendo assim, a informação pode estar registrada em papéis, fotografias, cartões postais, jornais, entre outros. Qualquer

objeto pode ser considerado documento, desde que contenham fatos importantes ou que tiveram muita importância na história (CARLI, 2013).

Dessa forma, os tecidos também contam histórias: além de determinar tendências de uma época e tecnologia utilizada, também identificam um ponto mais a fundo: a indústria que os fabricou. Assim, o tecido, por sua vez, passa a ser documento. Pensar o tecido como suporte informacional, de patrimônio, é justamente o que o faz importante e necessário de preservação.

Assim, para que todo esse acervo possa estar acessível a sociedade, torna-se indispensável que os documentos contidos nos lugares físicos de memória devam estar disponíveis. Além da exposição física dos itens, a digitalização dos acervos é prática cada vez mais utilizada por esses espaços destinados a conservação e preservação de documentos “Por meio da disponibilização em plataformas digitais, amplia-se o acesso aos objetos culturais, até então restrito à visita ao acervo físico” (MATINS; DIAS, 2019, p. 1).

O Conselho Nacional de Justiça (2021) determina que “o direito à cultura, indispensável para a

dignidade e desenvolvimento da personalidade, está essencialmente relacionado à informação e a memória”. Nesse sentido, disponibilizar, além de seu formato físico, digitalmente, documentos que fazem parte da constituição de uma sociedade, é garantir a este o direito de conhecer seu passado. É preservar a memória da sociedade e do imigrante que ajudou na sua formação.

Quanto as coleções existentes no Centro de Memória UNIFEBE, são compostas por documentos das três empresas centenárias do ramo têxtil de Brusque: Fábrica de Tecidos Carlos Renaux, Indústria Buettner e Companhia Industrial Schlösser; extinto Centro de Documentação Oral e Memória – CEDOM; Moateca; Jogos Abertos de Santa Catarina – JASC; e, artefatos da Segunda Guerra Mundial.



INVENTÁRIO DO ACERVO DO CENTRO DE MEMÓRIA UNIFEBE

O Centro de Memória UNIFEBE, possui documentos em diversos suportes, dentre eles:

- | | | |
|-------------------------|-----------------------------|---------------|
| a) Álbuns fotográficos; | g) Fotografias; | m) Revistas; |
| b) CDs; | h) Papel; | n) Sapatos; |
| c) Discos; | i) Jornais; | o) Tecidos; |
| d) Disquetes; | j) Livros; | p) Vestuário; |
| e) DVDs; | k) Negativos; | q) VHS; |
| f) Fitas K7; | l) Objetos tridimensionais; | |



PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Todo material que chega com intenção de doação ao Centro de Memória UNIFEBE, é analisado, de forma que atenda o perfil dos acervos já existentes no Centro. Após análise, o material que não atende a alguns critérios, podem ser devolvidos à pessoa doadora ou encaminhado para outra Instituição que possa acolher o material.

Quando aprovado, inicia-se o processo de separação por tipo de suporte: fotografias, papéis, tecidos, quadros, entre outros. Após separação, classifica-se cada suporte

por temáticas específicas, ou seja, pelo conteúdo do documento: fotografias de casa, fotografias de paisagens, cartas pessoais, entre outros. Existindo data, separa-se também, cada temática pela ordem cronológica do evento.

Antes de iniciar o processo de digitalização, os documentos são higienizados, para que toda sujidade encontrada seja removida. Assim que digitalizado, o documento ganha uma marca d'água e as imagens são tratadas de forma que não percam as características originais.

Quanto ao processamento técnico, trata da classificação, catalogação e indexação das informações que o documento nos transmite. Além dos dados bibliográficos, o documento recebe uma numeração arquivística, que identifica a coleção, função, série, subsérie e dossiê. A descrição dos documentos arquivísticos são importantes devido a característica dinâmica das informações, que podem sofrer alterações para melhor identificar os acervos e seus contexto. Dados como coloração, tamanho da imagem, local, pessoas identificadas, data, entre outras, são algumas informações inseridas no sistema utilizado, Pergamum. Pensando no usuário e em como ele poderá recuperar a informação desejada, que foi digitalizada e disponibilizada online, faz-se necessário a inserção de palavras-chave específicas e usuais, para a recuperação e localização do documento.

Finalizado esse processo, o documento é novamente higienizado e acondicionado em embalagens próprias de conservação e, por fim, armazenado em mobiliário específico, denominado arquivo deslizante.

Considerações finais

Todo o processo de descrição de acervos, guarda e disponibilização, facilita a recuperação de informação: seja para um pesquisador, seja para a comunidade em geral.

Quando os documentos são salvaguardados e disponibilizados digitalmente, a função social desses lugares de memória se cumpre: devolve-se à sociedade, o que é seu por direito: a memória.

A importância da preservação e da disseminação de acervos históricos, possibilita à sociedade, conhecer sua própria história. Pensar e concretizar espaços memorialísticos com esse fim, é um ato de resistência perante o esquecimento da história.

A memória não deve ficar “encaixotada” e esquecida: deve ser disponibilizada e revivida.

Referências

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 2015.

BRASIL. **Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011**. Regula o acesso a informações previsto no inciso XXXIII do art. 5º, no inciso II do § 3º do art. 37 e no § 2º do art. 216 da Constituição Federal; altera a Lei n. 8.112, de 11 de dezembro de 1990; revoga a Lei n. 11.111, de 5 de maio de 2005, e dispositivos da Lei n. 8.159, de 8 de janeiro de 1991; e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/112527.htm. Acesso em: 01 nov. 2021.

CARLI, Deneide Teresinha de. **O documento histórico como fonte de preservação da memória**. *Ágora*, v. 23, n. 47, p. 183-197, 2013. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/12650>. Acesso em: 10 maio 2022.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. **Manual de gestão de memória do poder judiciário**. Brasília: CNJ, 2021.

GLATZ, Rosemari. 75 anos do falecimento do Cônsul Carlos Renaux e seu legado. In: **Notícias de Vicente Só**, n. 68, 2021, p. 7-40.

MICHAELIS. **Dicionário brasileiro da língua portuguesa**. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=acervo>. Acesso em: 07 mar. 2022.

PAES, Marilena Leite. **Arquivo: teoria e prática**. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

SANTA CATARINA. **Proteção legal do patrimônio cultural**. Florianópolis: Graphel, 2002.



OS DESAFIOS DA
MUSEALIZAÇÃO,
CONSERVAÇÃO E
EXPOSIÇÃO DO
TÊXTIL

Resumo:

O ensaio apresenta a formação do acervo de indumentária do Museu Julio de Castilhos, primeiro museu criado na república, em 1903, com sede em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, e os desafios dos processos museológicos, em especial da revisão documental, conservação e exposição. Atualmente, adotam-se novos procedimentos e, no caso das roupas brancas, o processo de conservação inclui a lavagem e o acondicionamento em moldes de ethafoam ou entubamento como método, gerando melhores condições de alinhamento das fibras e possibilidades de apresentação pública desse tipo de acervo.

Palavras-chave: Indumentária; Roupas brancas; Conservação; Têxteis; Documentação.

¹ [2] Lilia Schwarcz (1993, p. 67), aponta o período entre os anos 1890 e 1915 como a Era Brasileira de Museus, partindo da inspiração do movimento internacional de criação de museus científicos.

²Consulte o acervo em: acervos.museujulio.rs.gov.br

³Espuma de polietileno expandido de cela fechada, reciclável, livre de ácido e com excelente resistência a substâncias químicas. Esses recursos o tornam um grande aliado no acondicionamento, além da praticidade e do fácil deslocamento para diversos tipos de suporte. Saiba mais em: <https://preservacoes.org.br/>



Introdução

O nascimento de uma instituição destinada à memória, em plena Era Brasileira de Museus¹, predetermina seus objetivos e funcionamento inicial. Com o Museu Julio de Castilhos não foi diferente. Criado pelo Decreto 589, foi planejado para ser o que se chamou de museu enciclopédico, voltado à instrução pública. Suas coleções foram distribuídas em quatro Seções: 1ª Seção de Zoologia e botânica; 2ª Seção de Mineralogia, geologia e paleontologia; 3ª Seção de Antropologia e etnologia; 4ª Seção de Ciências, artes e documentos históricos. Contudo, predomina inicialmente a coleta de itens vinculados às ciências naturais e à coleção etnológica. O acervo de têxteis passa a ter relevância três décadas após sua criação, voltando-se aos uniformes militares, que juntamente a outras peças atuaram na missão de forjar a identidade regional e nacional. Atualmente, a instituição conta com 1201 peças têxteis, das quais 61 são bandeiras. Há também um número expressivo de fardas militares, embora

chapéus e leques elevem o quantitativo de peças femininas na coleção.

Em 2019, foi iniciado o processo de inventário das coleções. Logo percebeu-se um equívoco na atribuição de números tombos em peças que se configuram como “pares” ou compostas de mais de um item, como por exemplo, os pares de luvas, aos quais foram atribuídas numeração individual a cada item. Esse fato impacta toda a documentação e cria um falso número final de itens que integram as coleções e, por consequência, o acervo. A instituição vem corrigindo esse erro à medida que prepara a coleção para sua inserção na plataforma Tainacan².

Por meio do inventário que se possibilitou a compreensão das lacunas existentes no acervo, cuja política de aquisição foi feita sem critérios técnicos por muitos anos. Diante de tal evidência, busca-se complementar ou mesmo formar coleções, como é o caso das vestes gaúchas dos séculos XVIII e XIX,

inexistentes no acervo, assim como de qualquer indumentária vinculada às profissões e às pessoas do povo, havendo, pois, a ocorrência de peças pertencentes à elite sul-rio-grandense.

Deste modo, instituiu-se uma Comissão de Gestão de Acervos cuja atribuição de seus integrantes compete validar as aquisições, evitando-se as preferências pessoais das direções ou as pressões políticas pela musealização, como ocorreu em algumas gestões.

Conforme Sofka (2009), a pesquisa é essencial ao museu e é apontada pelo autor como uma ação lógica que permitirá explorar adequadamente o acervo:

Desejamos saber que objetos coletamos e porquê. Desejamos saber em que medida nossos objetos relacionam-se entre si e, mais que tudo, com o mundo à nossa volta – natureza e humanidade. E desejamos difundir o conhecimento que adquirimos examinando os nossos objetos. Desta forma, estaremos aptos a colocar os resultados de nossas pesquisas à disposição

da comunidade (SOFKA, 2009, p. 1).

Neste aspecto, o acervo do Museu Julio de Castilhos tem carências generalizadas, pois, devido à equipe reduzida, não há possibilidade de que a pesquisa seja uma rotina em todas as coleções, ficando restrita àquelas peças que entrarão em apresentação pública, seja por meio de exposição ou de difusão nas redes sociais.

O acervo de roupas brancas, que faz parte da coleção indumentária, tem recebido especial atenção em virtude das condições de conservação em que se encontravam, com sujidades e amarelamento extremo, gerando riscos e impedindo sua participação nas exposições.



Montagem com detalhes do vestido em cambraia, século XIX

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A técnica da retirada dos particulados com a utilização do aspirador não se mostrou eficaz nas roupas brancas, demandando análise cuidadosa da fibra e a tomada de decisão pela lavagem manual daquelas peças que apresentavam fibras íntegras. Nesse contexto, lavou-se com sabão de coco, expondo moderadamente ao sol as peças de cambraia branca.

A lavagem manual deve ser cuidadosa e a tomada de decisão é individualizada, dependendo das condições da peça, resguardando-se aquelas que não

devem sequer ser manejadas, dada a condição de rompimento de fibras.

Ressalta-se que o molho em si não promove o resultado desejado, uma vez que a água utilizada deve ser movimentada suavemente em círculos para que haja a quebra de sua molécula e que, assim, penetre na fibra mais fechada, promovendo a limpeza. O uso de água deionizada (sem metais pesados e outras impurezas) é outra recomendação. Assim como o enxague abundante para a retirada do sabão de coco. A



secagem deve ser à sombra com a peça totalmente estabilizada. Por fim, se passa o têxtil a vapor, espera-se a secagem e realiza-se o acondicionamento de acordo com a exigência de cada peça. Em geral, tem-se realizado o enchimento da peça com molde de ethafoam³, de modo a evitar a produção de dobras, que ao longo do tempo se consolidará. Em casos de peças como palas, echarpes, lenços e bandeiras, recomenda-se o entubamento para melhor acondicionar a peça.

Dentre as peças que passaram por este procedimento de lavagem e acondicionamento em molde de ethafoam, destacamos o vestido de noiva em cambraia do século XIX, utilizado pela primeira vez no casamento de Josefina Porto Bordini em 1880 e pos-

teriormente, em 1973 numa festa a fantasia, antes de ser doado ao MJC.

O vestido do Século XIX encontrava-se em cabide forrado e com enchimento de fibra nos braços, contudo, o peso da saia representava um risco ao rompimento de costuras e da própria fibra na região dos ombros. Assim, depois de procedida a lavagem, se executou o acondicionamento e a colocação do mesmo em capa de TNT branco, posicionando deitado na mapoteca, situação ideal para peças cujo peso representa a possibilidade de geração de danos à sua conservação.



A EXPOSIÇÃO DO ACERVO DE INDUMENTÁRIA DO MJC

As condições de controle de luminosidade devem ser a primeira preocupação em termos de cuidado com peças têxteis de acervos musealizados, visto que a luz provoca desbotamento e rasgos/rompimentos na fibra do tecido. Como medida de controle, recomenda-se o uso de luxímetro para mensurar a quantidade de raios ultravioleta que a iluminação está dispersando sobre a peça exposta.

Outro elemento a ser considerado é a umidade relativa do ar. Neste sentido é fundamental o uso de

termo-higrômetro para o monitoramento da umidade e desumidificadores na sala de exposição sempre que a umidade exceder os 50% (cinquenta por cento).

Conforme Camacho (2007) os cuidados com a exposição de têxtil devem observar o tempo de exposição “para materiais como o papel, ou o têxtil, pode-se prever uma regular rotação de objectos”. (CAMACHO, 2007, p. 73). Neste sentido o Museu Julio de Castilhos aposta em exposições de longa duração com a substituição semestral de peças vulneráveis aos agentes de degradação.

Considerações finais

O monitoramento de roupas brancas que passaram pelo processo aqui descrito é constante, de modo a observar qualquer variação do estado de conservação, não tendo havido até o momento, em peças higienizadas em 2019, qualquer notificação nesse sentido.

Cabe ressaltar que só realizamos o procedimento em roupas brancas e após detalhado estudo da condição de suas fibras. Deixar as peças no estágio em que se encontravam seria a determinação de menos tempo de vida, além de nenhuma possibilidade de colocá-las em exposição.

Ainda destacamos que acervos demandam estudo prévio antes de executarmos qualquer procedimento, o manejo deve ser cuidadoso, evitando-se o excesso.

Medidas simples auxiliam na conservação de acervos de indumentária por mais tempo, apesar de seu fim ser inevitável. Prolonga-se a vida da peça e, por meio de pesquisa e estudo, pode-se entender do funcionamento da sociedade tanto em seus aspectos sociais quanto de desenvolvimento tecnológico e econômico.

Referências

MUSEUMS, Libraries and Archives Council. **Conservação de coleções** / Museums, Libraries and Archives Council; [tradução Maurício O. Santos e Patrícia Souza]. – São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo: [Fundação] Vitae, 2005.

PAULA, Teresa Cristina Toledo de. **Inventando moda e costurando história:** pensando a conservação de têxteis no Museu Paulista/USP. Dissertação (Mestre em Ciências). Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

_____. **Tecidos e sua conservação no Brasil:** museus e coleções. [Editora da publicação Teresa Cristina Toledo de Paula. São Paulo: Museu Paulista da USP, 2006.

SOFKA, Vinos. A pesquisa no museu e sobre o museu. Tradução: T. Scheiner (2009). **Revisitando:** Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS Unirio | MAST, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 79-84, 2009.

A MODA
NO MUSEU

Resumo

O objetivo deste trabalho é apresentar a coleção de indumentária do Museu Histórico Nacional, sua formação e os meios pelos quais o museu realiza a sua guarda e preservação. Serão mostrados alguns itens que exemplificam as peças que compõem a coleção. O presente trabalho é um resumo da comunicação realizada no XI Seminário Temático: Têxteis, Moda e Museus que aconteceu entre os dias 29 de novembro e 02 de dezembro de 2022, em formato online e presencial no Centro Universitário em Brusque - UNIFEBE, Santa Catarina, reunindo profissionais e estudantes da área de museologia, conservação e moda.

Palavras-chave: Museu; Coleção; Moda; Indumentária.





MUSEU
HISTÓRICO
NACIONAL

Museu Histórico Nacional

Introdução

O presente artigo está dividido em algumas partes para melhor entendimento e encadeamento das ideias: breve contextualização sobre o Museu Histórico Nacional, reserva técnica e coleção de indumentária.

Assim, é interesse desse texto tornar pública a importância da coleção de indumentária do Museu Histórico Nacional como parte da história do Brasil e da sociedade.

BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE O MUSEU HISTÓRICO NACIONAL

O Museu Histórico Nacional – MHN, criado para as comemorações do centenário da independência do Brasil, abriu suas portas no dia 12 de outubro de 1922. O MHN surgiu com o propósito de formular uma representação positivista da nacionalidade brasileira, por meio dos testemunhos da cultura material. Os objetos do acervo documentariam a gênese e a evolução da nação brasileira. Tal modelo ufanista e militarizado deveu-se muito à influência do fundador e primeiro diretor, Gustavo Barroso (1888-1959).

A princípio, a política de aquisição de acervo se concentrou em amearhar objetos pertencentes aos grandes vultos da história do Brasil, com ênfase nos

feitos e nas tradições militares.

A organização museológica nos primeiros anos de funcionamento do Museu Histórico Nacional assemelhava-se ao estilo dos gabinetes de antiquários franceses do século XVIII, e podia ser vista na concepção das primeiras exposições, e da exposição de longa duração, conhecida na época como exposição permanente de 1924, organizada em torno da história, arqueologia, numismática, sigilografia e filatelia. Atualmente, o museu possui 4 núcleos de guarda de acervo: o Arquivo Histórico, a Biblioteca, a Numismática e a Reserva Técnica.

Reserva técnica

A Reserva Técnica - RT - é o espaço destinado à preservação e guarda dos objetos do acervo que não estão expostos no circuito. Para isso, esse espaço deve seguir regras de adequação de mobiliário, acondicionamento, e controle ambiental, bem como restringir o acesso a alguns profissionais do museu por questões de segurança. A princípio, o museu mantinha toda a sua coleção exposta, mas com o crescimento do acervo e a mudança na concepção expositiva, o museu passou a armazenar esse excedente de objetos em grandes salas. No final da década de 1970 e início da década de 1980, devido à quantidade de objetos doados, foi considerada a necessidade da construção de um espaço mais adequado para o acondicionamento das coleções.

A RT do Museu Histórico Nacional foi inaugurada em 1984 e era o que existia de mais moderno em termos de acondicionamento e guarda de acervo,

servindo, inclusive, como modelo para outras reservas técnicas. A Reserva Técnica 1, chamada RT1, armazena mais de 22622 mil objetos de natureza variada e materiais distintos como madeira, marfim, vidro, mármore, couro, plumária, gesso, bronze, cestaria, gesso, têxtil, etc. A RT2 armazena a coleção de mobiliário. Passados 28 anos desde a última reforma a RT ficou desatualizada em relação às novas tecnologias. Assim, em 2020 foi adquirido um novo mobiliário, mais moderno e adequado ao acondicionamento de suas coleções, sobretudo para a coleção de têxteis, já que possui gavetas que permitem acomodar os trajes na posição horizontal, evitando que eles esgarcem por causa do peso. A RT do MHN, em conformidade com a política de preservação do acervo adotada pelo Museu, monitora as condições climáticas sistematicamente, faz a vistoria periódica das coleções e organiza o espaço.





Vestido Nupcial de 1830



Traje vitoriano da Baronesa do Loreto



Vestido de Maria Bonita

A COLEÇÃO DE INDUMENTÁRIA

Como já dito antes, o acervo do museu era ligado à temática militar e a coleção de trajes estava restrita à fardas e uniformes militares. Os primeiros trajes civis a entrarem no acervo foram os vestidos das baronesas de Loreto e Montserrat. Em 1968, uma importante coleção de indumentária juntou-se ao acervo: a Coleção Sophia Jobim, com 690 peças de indumentária cujo foco especial está nos trajes etnográficos, um legado que muito contribuiu para a diversificação do acervo têxtil. Com o aumento das doações, a coleção

de indumentária tornou-se uma das mais importantes do Brasil, com 2615 peças, sendo uma das mais pesquisadas do MHN.

Como exemplos de trajes que ilustram parte da história da Indumentária e da moda no Brasil e no mundo, podemos citar o vestido nupcial usado em 1830, raro e muito importante, sobretudo pela sua idade, confeccionado em cetim filó e renda, conforme imagem acima.

Outro exemplo é o traje estilo vitoriano: suas características são o espartilho e os ombros pequenos



Camisa do Clube de Regatas Casco da Gama



que acentuam a cintura, complementados pela amplitude das saias. O traje completo é composto por: saia, cauda, barra de saia e corpinho, confeccionados em seda, linho, fio de prata, cambraia e algodão. Este vestido, da segunda metade do século XIX, pertenceu à Baronesa do Loreto, dama da Princesa Isabel, e é uma das primeiras peças de indumentária civil a entrar na coleção do MHN conforme Figura 2 a seguir

O vestido de Maria Bonita, mulher de Lampião, da década de 1930, é outro exemplo: foi confeccionado em estilo simples por conta das dificuldades financeiras que vieram depois da quebra da bolsa de NY em 1929. Essa austeridade se vê refletida no emprego do algodão e da casimira, tecidos mais simples e ba-

ratos. A peça merece destaque não somente por ter pertencido à cangaceira, como também pela inovação no uso de zíper, novidade na época, sobretudo se considerarmos o modo de vida dos cangaceiros, em constante movimento no interior do nordeste em condições precárias. Acima, tem-se a imagem do vestido.

Além destes exemplares aqui mostrados, a coleção de indumentária do MHN conta com modelos desenhados por Courrèges, Emilio Pucci, Armani, Dener, Isabela Capeto, Tufi Duek, Lino Villaventura, Alexandre Herchcovitch entre outros estilistas mundialmente conhecidos. O acervo também possui uma numerosa coleção de roupas íntimas.

Atualmente, a Política de Aquisição de Acervo,



passou a não mais privilegiar as elites, retirando delas o protagonismo que durou muitas décadas. O MHN passou a incluir mais diversidade no seu acervo, contemplando outros segmentos da sociedade que até então não foram representados nos museus tradicionais. A partir dos anos 2000, o MHN passou a receber uniformes de trabalho como os de carteiro, gari, bombeiro e camisas de times de futebol. Um ótimo exemplo dessa atual política do MHN é a camisa de futebol oficial do Clube de Regatas Vasco da Gama, 2021, fabricado pela Kappa. Este modelo de camisa foi especialmente criado em homenagem ao mês do Orgulho LGBTQIA+, conforme imagem.

Considerações finais

Desta forma, através da democratização das coleções buscamos apoiar a diversidade e a participação da comunidade na formação dos acervos, onde todos sejam incluídos e representados, a fim de nos adequarmos e reforçarmos a nova definição de museu aprovada pelo ICOM em 2022:

“Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Os museus, abertos ao público, acessíveis e inclusivos, fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Os museus funcionam e comunicam ética, profissionalmente e, com a participação das comunidades, proporcionam experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimento”.

Referências

ICOM. **ICOM aprova a nova definição de museu.** Disponível em: <https://www.icom.org.br/?p=2756>. Acesso em: 15 dez. 2022.



ACERVO TÊXTIL
DO MUSEU CASA
DE BRUSQUE: UM
REGISTRO DA HISTÓRIA
REGIONAL

Luciana Pasa Tomasi
Vandrezza Amante Gabriel

Resumo

O acervo do Museu Casa de Brusque é composto por objetos, fotografias e documentos que salvaguardam a memória e a história do Vale do Itajaí-Mirim em Santa Catarina. Apresentamos um artigo dedicado ao acervo têxtil, diluídos entre os acervos tridimensional, iconográfico e documental, com peças que revelam a trajetória da moda e do desenvolvimento da região. As informações são o resultado da exposição on-line apresentada no painel intitulado Têxteis e Moda em Acervos, que integrou o XI Seminário Temático Têxteis, Moda e Museus, realizado pelo Centro Universitário de Brusque - UNIFEBE. Propõe-se, com este trabalho, a difusão do conhecimento e a valorização do patrimônio cultural por meio da promoção da cultura e da educação patrimonial como ferramentas de acesso à informação.

Palavras-Chave: Acervo; Museu; Têxtil; Moda; História.

DE
UE

MINISTÉRIO DO TURISMO APRESENTA

EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA
**BICENTENÁRIO DO
CONSELHEIRO BRUSQUE**
VIDA E ATUAÇÃO POLÍTICA NO SEU LEGADO
PARA A COLONIZAÇÃO (1822-2022)
Até 31 de Outubro



EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA
**JOGOS ABERTOS DE
SANTA CATARINA**



casadebrusque casadebrusque@gmail.com

ORT HAVAN ZEN ZM PORTONAVE



Introdução

Este artigo é resultado da apresentação de informações referentes a uma parte do acervo têxtil pertencente ao Museu Casa de Brusque direcionado ao encontro virtual XI Seminário Temático Têxteis, Moda e Museus, realizado entre os dias 28 de novembro e 02 de dezembro de 2022 pelo Centro Universitário de Brusque - UNIFEBE. No painel intitulado Têxteis e Moda em Acervos, ocorrido na quinta-feira, 01 de dezembro de 2022, de forma on-line, transmitido pelo canal da UNIFEBE na plataforma YouTube, a historiadora e coordenadora do Museu Casa de Brusque, Luciana Pasa Tomasi, expôs informações referentes ao acervo, as histórias que contextualizam as peças, as ações de salvaguarda promovidas no último ano e as publicações disponibilizadas pelo Museu.

As peças são de grande importância para a memória de toda a comunidade brusquense. Por este

motivo, o Museu Casa de Brusque está constantemente desenvolvendo projetos, ações e propostas que contribuam para a preservação da história do Vale do Itajaí-Mirim.

O Museu Histórico do Vale do Itajaí-Mirim, mais conhecido como Museu Casa de Brusque, é mantido pela Sociedade Amigos de Brusque. Desde 1953, foi iniciado um intenso trabalho de pesquisa, junto aos órgãos públicos e privados do Estado e do Município para coletar o maior número possível de documentos relativos à história brusquense. Esse trabalho de pesquisa e de coleta se estende até os dias atuais, sendo este acervo aberto à visitação pública desde 1971. Em 1973, o acervo passou a ser oficialmente denominado de Museu Histórico do Vale do Itajaí-Mirim, em Santa Catarina.



O ACERVO DO MUSEU CASA DE BRUSQUE

A Sociedade Amigos de Brusque e de Apoio ao Museu Histórico do Vale do Itajaí-Mirim – SAB/Casa de Brusque, foi fundada em 04 de agosto de 1953, com o objetivo de reunir, preservar e disponibilizar para pesquisa o extenso e valioso acervo museológico tridimensional, iconográfico, documental e bibliográfico sobre a história de Brusque e do Vale do Itajaí-Mirim, desde os tempos da Colônia Itajahy, fundada em 1860.

A instituição preserva e disponibiliza para pesquisas, documentos oficiais desde o ano 1860, bem como periódicos de diversas fases da história de Brusque e região. Está sendo inventariado para nova proposta de catalogação e classificação, especificamente em meio digital, a ser implantada. O acervo bibliográfico ou Biblioteca Técnica Interna está disponível para consulta, comporta obras referentes à temática geral do Brasil,



estado de Santa Catarina e município de Brusque, destacando-se de forma prioritária as áreas da História, Literatura, Geografia e Legislação local, integrando muitas obras no idioma alemão. O acervo iconográfico do Museu Casa de Brusque está em fase de arrolamento. Uma parte deste acervo está digitalizado, de fácil acesso, e conta com imagens da cidade e região do Vale do Itajaí-Mirim desde a fundação até os dias atuais.

O Museu Casa de Brusque possui em seu acervo peças que retratam o cotidiano dos moradores desde os primórdios da colonização: teares, objetos pessoais de diversas famílias, indumentária, instrumentos musicais e agrícolas, armas, moedas, medalhas, tro-

féus dos Primeiros Jogos Abertos de Santa Catarina - JASC, louças, caleça funerária, móveis, relógios, instrumentos de comunicação e artefatos arqueológicos. Desse acervo constam, também, peças de decoração e de uso pessoal pertencentes ao Conselheiro Francisco Carlos de Araújo Brusque e sua família.

Entre outras atividades, o Museu desenvolve visitas guiadas para grupos de visitantes e estudantes mediante agendamento, bem como ações educativas planejadas anualmente para escolas da rede pública e privada em ações de educação patrimonial.

TÊXTEIS E MODA NO MUSEU CASA DE BRUSQUE

No acervo do Museu Casa de Brusque podem ser encontradas peças que revelam a história do desenvolvimento da região do Vale do Itajaí-Mirim, em Santa Catarina, desde os primeiros anos da colonização europeia na Colônia Itajahy, fundada em 1860 (OLIVEIRA, 2014).

No artigo “A costura das décadas: conhecendo a história da moda ‘pela voz singular dos teares’”, a autora Edineia Pereira da Silva ressalta que “o fenômeno moda instiga curiosidades, constrói sentidos, provoca sensações de poder, contribui para a construção de identidades e deixa fortes marcas registradas no tempo” (BETTA, 2016, p. 7). Segundo a autora, considerar essas marcas históricas permite um pas-



Fonte: MCF-III-0414

*Uniforme do Corpo de Bombeiros da
Empresa Renaux*



Fonte: MCB-IV-112 - (1960)

Flâmula dos Jogos Abertos de Santa Catarina - JASC

seio pela história da moda e do pioneirismo empreendedor da indústria têxtil na cidade de Brusque, as imagens e os pensamentos da sociedade da época, revelando singularidades locais. Como exemplo, apresentamos abaixo uma imagem de uma peça do acervo do Museu Casa de Brusque.

No acervo do Museu Casa de Brusque podem ser encontradas peças como toalhas de tamanhos diversos, camisetas, agasalhos completos, ternos e flâmulas comemorativas dos Jogos Abertos de Santa Catarina - JASC, iniciados em 1960 em Brusque (SC); faixas, flâmulas e bandeiras dos clubes esportivos da cidade como do Clube Esportivo Paysandú e Sport Club Brusquense, atual Clube Atlético Carlos

Renaux; flâmulas, bandeiras e toalhas comemorativas referentes ao aniversário da cidade de Brusque, em 04 de agosto; bandeira da Sociedade Cantores de Brusque; flâmulas e bandeiras centenárias da Clube da Caça e Tiro Araújo Brusque; acervos das indústrias têxteis como o uniforme da primeira brigada militar do Corpo de Bombeiros da Empresa Renaux e mostras de tecido da Cia Industrial Schlösser, bem como um Tear Jacquard da década de 1900, de madeira, destinado para fabricação de tecido, que pertenceu à Cia. Industrial Schlösser e máquinas de costura doadas por pessoas da comunidade brusquense. Entre as peças do acervo tridimensional estão o traje completo de formatura no Curso de Medicina de Dr. Carlos

Moritz, sendo calça, faixa, camisa e colete; e, uma cartola que pertenceu à família Schlösser.

Andrade (2006) afirma que “analisar um vestido não é o mesmo que analisar a sua fotografia [...] O vestido, enquanto objeto material, enquanto coisa, tem uma série de características que lhe são próprias e cuja articulação constitui um artefato singular” (ANDRADE, 2006, p. 1-2). A autora salienta que é possível dar prioridade para a roupa como fonte histórica em um trabalho de pesquisa e reconhecer o papel central de fonte da história. “A reflexão a respeito do riquíssimo valor histórico que está naquilo que vestimos é um excelente caminho no estudo e na preservação do nosso patrimônio cultural brasileiro através das roupas e tecidos” (ANDRADE, 2006, p. 6).

Para Viana e Neira (2010), a recuperação da história dos tecidos, roupas e objetos deve ser desvendada, suas técnicas de produção, fabricação e uso como parte de um contexto social de uma época. E por serem socialmente relevantes fazem parte dos acervos dos Museus. “Apesar de terem sido desvendadas muitas técnicas de produção de têxteis, muito ainda está

por se descobrir ou por reconsiderar, pois esse campo ainda apresenta grandes lacunas” (VIANA; NEIRA, 2010, p. 231).

Observa-se a necessidade do levantamento de informações mais aprofundadas sobre a histórias das peças que compõem os acervos para que seja disponibilizada para a comunidade dados precisos das memórias sobre o contexto sociocultural e econômico da época de uso dessas peças. O cenário pode revelar os modos de vida da sociedade, formas de uso, costumes, saberes e modos de fazer que podem ser documentados por meio da história oral, aliando teoria e prática no trabalho cotidiano dos museus. Os bens culturais materiais sob salvaguarda do Museu Casa de Brusque estão disponíveis para a realização de pesquisas que busquem identificar e promover novas ações voltadas ao patrimônio cultural de nossa cidade, valorizando a história de cada peça (SALLES, 2016; PAULO; KRUGER, s/d).



Considerações finais

Iniciativas que agregam instituições culturais e valorizam os acervos históricos como o XI Seminário Temático Têxteis, Moda e Museus, realizado pelo Centro de Memória UNIFEBE, revelam o potencial educativo e transformador da salvaguarda do patrimônio cultural a partir dos museus históricos, a exemplo do Museu Casa de Brusque. Participar de eventos que reúnem temáticas abordadas nas casas museais de Brusque, no Vale do Itajaí-Mirim, em Santa Catarina, valoriza a memória histórica local e o desenvolvimento de nossa região, oportunizando a continuidade da promoção de ações voltadas à educação patrimonial e museal. Em outra perspectiva, insere os Museus no contexto nacional mais amplo, propagando informações importantes sobre os acervos, além do compartilhamento das práticas de salvaguarda a serem implementadas nas reservas técnicas.

Referências

ANDRADE, Rita. Por debaixo dos panos: cultura e materialidade de nossas roupas e tecidos. In: PAULA, Teresa Cristina Toledo de. **Tecidos e sua conservação no Brasil: museus e coleções**. São Paulo: Museu Paulista da USP, 2006. p. 72-76. Disponível em: <http://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202006/artigos/100.pdf>. Acesso em: 08 dez. 2022.

BETTA, Edinéia Pereira da Silva. A costura das décadas - conhecendo a história da moda pela “voz singular dos teares”. In: **Notícias de vicente** só. Sociedade Amigos de Brusque (SAB), ano XV, nº 64 (Ano I 1977). Nova Letra, 2016, p. 7-25.

OLIVEIRA, Daniel Campelo de. Memória em construção: políticas de museus no Brasil. In: **Anais do XVI Encontro Regional de História da ANPUH-RIO**, 2014, Rio de Janeiro. Saberes e Práticas Científicas. 10 p. Disponível em: http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1400540064_ARQUIVO_Memoriaemconstrucao-ANPUHTextocompleto.pdf. Acesso em: 08 dez. 2022.

PAULO, Carine e KRUGER, Aline Carmes. **Indumentária como fonte de informação: o caso do museu de hábitos e costumes de Blumenau**.

Disponível em: [https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/228160/TCC%20-%20Carine%20Paulo%20\(2\).pdf?sequence=1](https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/228160/TCC%20-%20Carine%20Paulo%20(2).pdf?sequence=1). Acesso em: 08 dez. 2022.

SALLES, Manon. Coleções de vestimentas em museus. O que conservar? In: **Colóquio de moda**, 12., 2016, São Paulo. Anais [...]. São Paulo: ABEPEN, 2016. Disponível em: <http://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202016/COMUNICACAO-ORAL/CO-03-Cultura/CO-03-Colecoes-de-Vestimentas-em-Museus-O-que-conservar.pdf>. Acesso em: 08 dez. 2022.

VIANA, Fausto e NEIRA, Luz García. Princípios gerais de conservação têxtil. **Revista CPC**, São Paulo, n. 10, p. 206-233, maio/out 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/15667>. Acesso em: 08 dez. 2022.



ACERVO DE
MODA DO MUSEU
HISTÓRICO DE
ITAJAÍ: HISTÓRIA E
CONSERVAÇÃO



Tayná Mariane Monteiro de Castro

Yasmin Sayegh Al Kas

Resumo

O Museu Histórico de Itajaí possui um importante acervo de indumentária que data do final do século XIX até os dias atuais, representam os modos de vestir da população da cidade de Itajaí e suas manifestações sociais e culturais. O têxtil evoca a memória e a história e, neste sentido, é fundamental ações de

preservação, realizadas através da pesquisa, conservação preventiva e curativa e comunicação. Para isso, a equipe técnica da instituição criou um planejamento de conservação baseado em diretrizes do ICOM. Este trabalho objetiva apresentar a instituição e parte do seu acervo de moda a fim de potencializar pesquisas.

Palavras-chave: Indumentária; Têxtil; Conservação.





PALAZO MARCOS MARQUEZ

Introdução

O Museu Histórico de Itajaí é uma instituição localizada no litoral norte de Santa Catarina de salvaguarda da memória e história da cidade de Itajaí e região. A sua História começa por iniciativa do colecionador João Amaral Pereira em meados da década de 1970, que tinha a intenção de criar um museu no município para guarda e salvaguarda da memória itajaiense.

Para a criação do museu fundou-se a Fundação Genésio Miranda Lins, que possuía a missão de instituir e gerir o Museu Histórico do município de Itajaí. Em 5 de janeiro de 1982, o Museu Histórico de Itajaí é inaugurado no Palácio Marcos Konder, prédio inaugurado em 1925 na gestão do então superintendente municipal Marcos Konder, abrigou os 3 três poderes até 1950, quando o Judiciário foi retirado do espaço, permanecendo o Legislativo no piso superior e o Executivo no pavimento térreo e subsolo.

Nos últimos anos, a instituição passou por al-

gumas mudanças e obteve conquistas significativas, a primeira delas foi a obra de ampliação e restauro, finalizada no final de 2016 que incluiu a nova exposição das exposições de longa duração, com uso de novas tecnologias e diversos pontos de interação, e a construção do prédio anexo.

Em 2020, foi realizado o concurso público para contratação de profissionais técnicos para a Fundação Genésio Miranda Lins, como Museólogos, Restauradores, Bibliotecário e Arquivista. Isso proporcionou a realização do Plano Museológico, importante documento de planejamento estratégico, obrigatório para todas as instituições museológicas por meio da Lei nº 11.904 (BRASIL, 2009).

O acervo do MHI é proveniente, majoritariamente, de coleções, iniciadas por João Amaral Pereira, de famílias tradicionais da elite da cidade, bem como de doações voluntárias por parte da comunidade, órgãos e instituições. O acervo é composto de mais de



Tailleur que pertenceu à Hildegard Burghardt



Foto: Arquivo do Museu Histórico de Itajaí (2022)



Acervo carnavalesco utilizado nos bailes da Sociedade Guarani, em meados de 1970

4.000 objetos de uso cotidiano, tecnologia, armaria, mobiliário, numismática, ferramentas, obras de arte, entre outros. Portanto, possui uma ampla diversidade de temáticas e materiais.

Na documentação, o acervo é organizado em 55 categorias, baseadas no Thesaurus para acervos museológicos. Neste sentido, os acervos têxteis permeiam diversas categorias, pois “O termo têxtil, bastante amplo, abrange, em nosso caso, todos os tecidos - planos ou não - produzidos em determinado momento histórico e toda a enorme diversidade de objetos produzidos a partir desses tecidos” (PAULA, 1994). Assim, engloba trajes religiosos, fardamento militar, bandeiras, toalha de mesa entre outros. Por-

tanto, para fins deste trabalho, optou-se por abordar somente os acervos relacionados à moda, que englobam 4 categorias: Adorno, indumentária, objeto de auxílio e acessório de indumentária.

Através destes objetos podemos analisar o modo de vestir da população, práticas sociais e culturais, bem como historicizar os acervos por meio dos tecidos e técnicas utilizados. O conjunto abaixo, representa a indumentária do cotidiano de pessoas com alto poder aquisitivo. Pertencente a Hildegard Burghardt, membro da elite itajaiense no século XX. O traje foi doado em 1994, pela sua família, junto com outros bens pertencentes a ela. A indumentária pode expressar o grupo religioso que uma pessoa frequenta, as ideo-



Vestido longo que pertenceu a Miss Santa Catarina de 1963

logias políticas adotadas, o estrato social ao qual se enquadra e os agrupamentos culturais formados na busca incessante de pertencimento/reconhecimento (MERLO; CARACIO, 2012)

Representando festividades culturais, a indumentária carnavalesca, composta por um maiô de lantejoulas e uma estola de plumas foi utilizada, na década de 1970, nos eventos da Sociedade Guarani, Clube social fundado em 1897, inicialmente para ser um clube carnavalesco, mas que, com o tempo, se tornou um espaço de atividades sociais, recreativas, culturais e esportivas das elites de Itajaí.

O vestido abaixo pertenceu a Olga Mussi, natural de Itajaí, utilizado em uma das fases do concurso

de Miss Santa Catarina, no qual ela foi coroada em 1963. Alguns anos depois, Olga faleceu em um acidente de ônibus. Este é um importante fragmento da história da cidade, haja vista que Olga Mussi foi a primeira Miss Santa Catarina proveniente de Itajaí.



PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O Museu Histórico de Itajaí realiza ações de documentação, conservação e comunicação do seu acervo, entretanto na história da instituição foram realizadas pouca ou nenhuma ação específica para conservação de objetos de indumentária. Apesar disso, os objetos estão relativamente estáveis, armazenados em gavetas de mapotecas, numa sala climatizada. Porém, não receberam acondicionamento específico. Assim, se apresenta a necessidade de criação de um planejamento para a conservação específica de objetos têxteis.

O Conselho Internacional de Museus (ICOM) possui um Comitê de Indumentária que formulou algumas diretrizes para a conservação de acervos de indumentária, o qual possui uma linguagem clara e objetiva. Através dele, foi possível delinear um planejamento básico de conservação. Nele são descritas algumas fases de tratamento do objeto e os procedimentos a serem adotados, passando pelo momento de aquisição, higienização, acondicionamento, controle de condições ambientais e arranjo expositivo.



Algumas informações que valem a pena ser pontuadas: no momento da aquisição, devem ser colhidas informações do proprietário original, tipo de manufatura, assim como as ocasiões de uso da peça; para a higienização, é recomendado sempre o uso de trinchas macias, mas se for necessária a aspiração, utilizar aspirador de baixa sucção com bocal protegido, além de a peça também estar protegida com um tule (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 2018). Para o acondicionamento, recomenda-se sempre colocar as peças em posição horizontal, evitando as dobras com técnicas de acolchoamento e com o uso de materiais neutros e inertes. Para o arranjo expositivo, sempre utilizar

ganchos e manequins acolchoados, em displays fechados, com controle de umidade, temperatura e iluminação indireta.

É fato que toda movimentação do acervo assim como sua colocação em exposição causa algum nível de deterioração na peça, mas deve-se ter em conta que uma das funções do museu é a comunicação, no qual inclui, entre outras coisas, a apresentação de seu acervo ao público.

Considerações finais

Os acervos têxteis, muito embora poucas pesquisas tenham sido realizadas no MHI, revela o potencial que as tramas têm para o cumprimento da missão institucional dos museus, qual seja, a divulgação, a conservação e a comunicação dos objetos museológicos.

Revelam, não obstante, as trajetórias específicas para cada função que desempenham, sejam como suporte e/ou objeto em exposição, e as relações de trabalho, poder e significados, que permeiam nossa cultura e relações sociais.

Espera-se, então, que este trabalho seja um pontapé inicial para incentivar a pesquisa, o conhecimento e a divulgação do potencial que o acervo têxtil possui para as instituições museológicas e acadêmicas.



Referências

BRASIL. Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências.

ICOM. **Diretrizes do Comitê de Indumentária.** Disponível em: https://costume.mini.icom.museum/wp-content/uploads/sites/10/2018/12/guidelines_portuguese.pdf. Acesso em: 29 nov. 22.

MERLO, Márcia; CARACIO, Karen. **Moda e Indumentária aplicada ao estudo da museologia.** *Mo-daPalavra e-periódico*, núm. 10, julho-dezembro, 2012, pp. 6-17

Museu da Imigração. **Tecidos e afetos: orientações básicas para conservação de roupinhas e enxovais.** 27 mai 2018. Disponível em: <https://museudaimigracao.org.br/en/blog/bastidores/tecidos-e-afetos-orientacoes-basicas-para-conservacao-de-roupinhas-e-enxovais>. Acesso em: 15 dez. 22.

PAULA, Teresa Cristina Toledo de. **Conservação de Têxteis Históricos: uma bibliografia introdutória.** *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Ser. p. 301-319 V.Z jan./dez. 1994.

O MUSEU DA
MODA DE BELO
HORIZONTE E A
CONSTRUÇÃO DO
SEU ACERVO

Victor Pinheiro Louvisi¹

Marina Seif²

Resumo

O artigo conta um pouco da história do Museu da Moda de Belo Horizonte – MUMO, desde quando ele era o Centro de Referência da Moda e relata a experiência de composição do acervo da instituição. O MUMO é um lugar constituído para preservar a memória da moda e do vestir belo-horizontina e mineira, sobre seu aspecto memorialístico, cultural, social e patrimonial. Para este artigo foram analisados dois documentos: o plano museológico e a política de acervo e descarte da instituição. Além disso, foi possível contar com a vivência do museólogo³ da instituição que participou da redação destes documentos e da formação do acervo⁴.

Palavras-chave: memória; museu; colecionismo; museu da moda; política de acervo.

¹Coordenador de Acervos Museológicos do Museu da Moda de Belo Horizonte – MUMO. Doutorando em Ciência da Informação ECI/UFMG. E-mail: victorlouvisi@yahoo.com.br.

²Supervisora terceirizada no Museu da Moda de Belo Horizonte – MUMO. Doutoranda em Arte EBA/UFMG. E-mail: marinaseif@yahoo.com.br.

³Victor Pinheiro Louvisi é Técnico de Nível Superior - Museologia. Servidor concursado da Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte.

⁴Os museus brasileiros devem ter estes dois documentos conforme consta no Estatuto Brasileiro de Museus. C.f. LEI N° 11.904, DE 14 DE JANEIRO DE 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências.



FAIXA EXCLUSIVA
PARA ÔNIBUS
↓

Museu
M

Introdução

O presente artigo apresenta um pouco da história do Museu da Moda de Belo Horizonte – MUMO e discute a composição de seu acervo. Para isso, foram analisados, além do plano museológico, a política de acervos e descartes da instituição. Para este relato valeu-se também da experiência de um dos autores deste artigo, museólogo³ da instituição e participante da elaboração dos documentos citados⁴.

O MUMO é um equipamento cultural da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte – PBH - vinculado à Secretaria Municipal de Cultura – SMC - e à Fundação Municipal de Cultura – FMC, que foi inaugurado em 06 de dezembro de 2016. Entretanto, sua história começa em janeiro de 2012 quando o Município de Belo Horizonte é declarado Capital da Moda, em uma ação instituída pela lei municipal Nº 10.390. Como desdobramento dessa ação, foi sendo pensado pelo poder público municipal, criação de uma instituição que preservasse a memória da Moda

em Belo Horizonte. Nesse sentido é que no mesmo ano, no dia 21 de novembro, foi inaugurado o Centro de Referência da Moda – CRModa. Ao criar o CRModa, Belo Horizonte reconheceu a Moda como bem cultural da cidade, o que possibilitou novas interfaces com os vários segmentos culturais da capital mineira, tendo a moda como fio condutor. É importante ressaltar que o MUMO é considerado o primeiro museu público de moda do Brasil. Situado em importante edifício da cidade, o “Castelinho da Bahia”, o museu se destaca na paisagem do centro da capital mineira.

Atualmente, o MUMO conta com os seguintes setores: educativo, museologia, administrativo, produção cultural e comunicação. O museu possui em suas dependências um salão nobre, três salas para exposição, uma biblioteca geral com mais de 4 mil livros que possui também acervo sobre moda e design, um teatro de bolso para 77 pessoas, uma sala de oficinas, espaço para implantação de café, além de reserva técnica.



Foto: Victor Lourenzi (2022)



A COMPOSIÇÃO DE SEU ACERVO

Com a criação do CRModa, instituição que antecedeu o MUMO, a instituição fez uma campanha para compor o seu acervo. As primeiras coleções recebidas com esta iniciativa, entre os anos de 2012 e 2013, são provenientes das famílias de Priscila Freire, Luis Augusto de Lima, Marília Salgado, Laila Kierulff, Eny Vargas e Astrid Façanha. Os trabalhos relativos à construção de pareceres de doação e inventários foram iniciados ainda no setor de Processamento Técnico do Museu Histórico Abílio Barreto - MHAB,

onde este acervo encontrava-se, pois naquele momento o MUMO ainda não possuía uma reserva técnica própria. Posteriormente, a CPPA do MHAB decidiu pela continuidade da guarda de algumas destas coleções para fazer parte de seu acervo. São as coleções: Priscila Freire, Luis Augusto de Lima, Marília Salgado e Eny Vargas.

As demais coleções foram transferidas para o MUMO. Desde então, o acervo do museu vem sendo ampliado através de doações de diversas tipologias:



vestuário, objetos, acessórios, fotografias, desenhos, croquis, textos, revistas, livros, entre outros. Atualmente, a instituição consta 5642 itens que estão em processo de formalização da doação.

Nesse sentido, o MUMO tem o desafio de preservar a memória de uma área tão ampla, com diversos segmentos e que tem a efemeridade como uma de suas características. Entretanto, a Moda é uma área que permite muitas interlocuções. A instituição tem o propósito de ser um espaço de guarda e difusão da moda, indumentária e design, que verse sobre a cidade de Belo Horizonte e o Estado de Minas Gerais, sobre seus modos de vestir, sua maneira de produzir vestimentas e acessórios.

Para estruturar o processo de formação do acervo foi desenvolvida a política de acervo do MUMO, estabelecida dentro dos parâmetros determinados no plano museológico da instituição. Este documento é de vital importância para as instituições museológicas, pois é por meio dele que é feito o planejamento estratégico da instituição. Após a elaboração do plano museológico, dentre outras ações estabelecidas, o museu caminhou para a elaboração da sua política de acervo. Para tanto, este documento foi elaborado por uma comissão interna, chamada de Comissão Permanente de Política de Acervo – CPPA-MUMO, que dentre outras funções, avalia as propostas de doação e os eventuais descartes. Ela é formada por servido-

res do MUMO e da FMC e eventualmente podem participar convidados. O processo de elaboração da política de acervos aconteceu por meio de reuniões e discussões periódicas, além da leitura de material teórico e de outras políticas de aquisição e descarte de acervos, e da consulta da legislação pertinente.

A política de acervo do Museu da Moda prevê que suas coleções reflitam os debates que a sociedade contemporânea vem enfrentando, como: sustentabilidade, mudanças do setor da moda, questões de gênero, feminismo entre outros. Nesse sentido foi sistematizado a coleta de acervos delimitando nos seguintes períodos históricos: primórdios do comércio da moda em Belo Horizonte (rua Caetés e centro de BH) e primeiros imigrantes; Polo da Moda do Barro Preto; Grupo Mineiro de Moda (década de 1980); moda dos anos 1990 com os novos estilistas e as escolas de moda; história da moda em Minas Gerais; roupas de famílias mineiras; moda contemporânea de Minas Gerais; moda afro-mineira; roupas do atual contexto político (roupas de protesto); e carnaval de Belo Horizonte. (PREFEITURA DE BELO HORIZONTE, 2020).

O MUMO atua a nível regional no que tange a coleta de acervo, e esta deve ser, prioritariamente, sua abrangência, mas isso não impede de receber exposições e atividades de outros Estados e/ou países.



Considerações finais

Este artigo discutiu, sucintamente, a experiência de formação do acervo do MUMO. O museu é recente e tem o desafio de reunir objetos que sejam representativos da memória da moda em Belo Horizonte e Minas Gerais. Os desafios para a instituição são imensos. Entretanto, o MUMO tem se esforçado para criar as condições adequadas para a preservação de suas coleções e ser um espaço que pensa a moda como um campo do conhecimento.

Referências

BENARUSH, Michelle Kauffmann. A memória das roupas. *Rev. dobra[s]*, v. 5, n. 12, p. 113 - 117, 2015.

BRASIL. LEI Nº 11.904, DE 14 DE JANEIRO DE 2009. **Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências.** Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm>. Acesso em: 15 out. 2021.

CAMARGO-MORO, Fernanda. **Museus:** aquisição e documentação. Rio de Janeiro: Livraria Eça Editora, 1986.

COSTA, E. P. **Princípios básicos da museologia.** Curitiba: Coordenação do Sistema Estadual de Museus, 2006.

Documentação e Conservação de Acervos Museológicos – Diretrizes. Angelica Fabri et al. ACAM Portinari/Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 2010.

GLOSSÁRIO. In: **Documentação e Conservação de Acervos Museológicos** – Diretrizes. Angelica Fabri et al. ACAM Portinari/Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 2010.

GUERRA, Marta. **Documento Base:** Planejamento do Centro de Referência da Moda. Belo Horizonte, 2013.

GUERRA, Marta. **Projeto de Fomento. Centro de Referência da Moda.** Belo Horizonte. 26 de junho de 2015.

LOUVISI, Victor Pinheiro; CARVALHO, Ana Paula. Corrêa. **Plano Museológico:** tendências e perspectivas. In: Leônidas José de Oliveira. (Org.). Caderno de Textos Inverno MHAB 2011. Belo Horizonte. 2011.

PREFEITURA DE BELO HORIZONTE. **Plano Museológico do Museu da Moda: Avaliação de Metas e Programas.** 2019.

PREFEITURA DE BELO HORIZONTE. **Política de Aquisição e Descarte de Acervos.** Museu da Moda de Belo Horizonte. 2020.



A FAMÍLIA KRIEGER
NO CONTEXTO DA
MODA EM BRUSQUE

Resumo

Carmelo Krieger¹

Izabel Krieger Moritz²

Dinorah Krieger Gonçalves³

Jorge Paulo Krieger Filho⁴

Vandreza Amante Gabriel⁵

Este trabalho apresenta informações sobre a Al-trumentista Aldo Krieger, que costurava as suas próprias faiataria da Família Krieger, que a partir da década de vestimentas para as apresentações musicais. Uma época 1930 confeccionou belos trajes e contribuiu para o de-que se revela no acervo do Instituto Aldo Krieger - IAK, desenvolvimento da moda na cidade de Brusque. No cotidiano memórias compartilhadas neste artigo. Espera-se, portanto, o ofício de alfaiate foi repassado de uma geração com esta ação, a difusão do conhecimento por meio do para outra, principalmente a arte de manusear a tesoura acesso à informação, promovendo a educação patrimonial e as máquinas de costura, para a criação de peças sobnial para a valorização dos museus do Vale do Itajaí, em medida, que acompanhavam o contexto da moda e das Santa Catarina, Brasil. indústrias de tecidos. Destaca-se a presença do multi-ins-

Palavras-chave: Alfaiataria; Moda; Acervo; Música; Museu.

¹Diretor-Presidente do Instituto Aldo Krieger - IAK.

²Diretora Artístico-Administrativa do Instituto Aldo Krieger - IAK.

³Colaboradora do Instituto Aldo Krieger - IAK.

⁴Colaborador do Instituto Aldo Krieger - IAK.

⁵Jornalista Colaboradora do Instituto Aldo Krieger - IAK.

⁶Assista ao painel pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=-QwI6PajBos>



63



Introdução

O Diretor-Presidente do Instituto Aldo Krieger - IAK, Carmelo Krieger, apresentou o trabalho intitulado “A Família Krieger no contexto da Moda em Brusque” durante o painel on-line “Têxteis e Moda em Acervos”, no Seminário Temático “Têxteis, Moda e Museus”, evento promovido pelo Centro Universitário de Brusque - UNIFEBE, entre os dias 28 de novembro de 02 de dezembro de 2022⁶, onde foram apresentadas roupas, tesouras, fotografias entre outras peças que compõem o acervo do IAK.

Para ilustrar o contexto da Moda e da Música em que a Família Krieger está inserida, é necessário apresentar um resgate histórico sobre os ofícios da alfaiataria, os desfiles de moda, as apresentações musicais e o desenvolvimento regional promovido por esse movimento com raízes sólidas na cidade de Brusque, em Santa Catarina.



Fonte: Arquivo pessoal de Maria Luiza Jacobs e Beth Krieger.
Instituto Aldo Krieger – IAK (2022)



*Adelaide Diegoli Krieger, Brusque, Santa Catarina
(Década de 1930)*



*Gustavo Krieger na Alfaiataria Elegante, Brusque,
Santa Catarina (Década de 1940)*

A ALFAIATARIA KRIEGER

A Família Krieger, composta por Carl Krieger, tintureiro, sua esposa Caroline Krieger e seus quatro filhos, oriundos de Oldenburg, na Alemanha, chegou à Colônia Itajaí/Brusque, em 1861. Um dos filhos, Jakob Carl, casou-se em Brusque e seu filho Gustavo Krieger fundou em 1898 a Alfaiataria Elegante. Em 19 de novembro de 1902, o alfaiate Gustavo Krieger (26/01/1878 - 22/11/1949) casa-se com a imigrante italiana Adelaide Diegoli Krieger (24/02/1884 - 31/03/1945), nascida em Bolonha, na Itália, estilista

de alta-costura. Eles confeccionaram muitos trajes para a sociedade brusquense (MENDES; BETTA, 2012; FAMÍLIA KRIEGER, 1978).

Sua Alfaiataria Elegante, anos mais tarde, em 1946, tornar-se-ia Irmãos Krieger S.A., a primeira do gênero no município, onde eram confeccionados figurinos brasileiros aos moldes europeus. Esteve sob responsabilidade dos irmãos de Aldo Krieger, sendo Axel Krieger, Nilo Krieger e Raynério Krieger que deram seguimento ao ramo da alfaiataria.



Acerco. Instituto Aldo Krieger - IAK (2022)

*Casaco Confeccionado por Aldo Krieger,
Brusque/SC (Década de 1920)*



*Jazz Band América, Brusque, Santa Catarina
(Década de 1920)*

MODA E MÚSICA EM BRUSQUE

A Família Krieger ficou conhecida na arte da alfaiataria, mas muitos dos integrantes seus também eram músicos. A presença do multi-instrumentista Aldo Krieger tornou-se destaque nos carnavais e apresentações musicais na cidade, com a manifestação de um talento musical espontâneo, que se afirma por força de uma necessidade imperiosa de se realizar, de fazer da música a razão primeira de sua vida. Aldinho, como era conhecido, costurava as suas próprias vestimentas para as apresentações musicais. Na imagem abaixo, um casaco costurado por ele na década de 1920.

Os Desfiles de Modas em Brusque eram realizados com música ao vivo na década de 1950 no Clube Atlético

Carlos Renaux, no Sport Club Paysandú e na Sociedade Esportiva Bandeirante. O Quinteto Musical Krieger era formado por Aldo Krieger no Acordeon, Axel Krieger no Violino, Raynério Krieger no Piano, Walkyria Krieger Piano e Érico Krieger no Contrabaixo.

A formação do Jazz Band América em 1929, criado por Aldo Krieger, envolveu dez músicos, todos parentes entre si, unindo as famílias Krieger e Diegoli. De um lado, havia Aldo, Érico, Oscar, Axel e Nilo da Família Krieger, todos alfaiates e evangélicos; de outro, cinco membros da Família Diegoli: Primo, Augusto, Aníbal, Rudi e Ivo, todos marceneiros e católicos (DIÁRIO CATARINENSE, 1999).





ALDO KRIEGER: VIDA E OBRA

Aldo Krieger nasceu em Brusque, Santa Catarina, em 05 de julho de 1903. Filho de Gustavo Krieger e de Adelaide Diegoli Krieger. Aos sete anos de idade começa a estudar música com o Professor Graupner, iniciando-se no bandoneon. Aos oito anos já acompanhava e substituía seu professor Raymundo Bridon. Ainda adolescente, tocava bandoneon, violino, violão, clarinete e saxofone. Formou com os irmãos um conjunto regional que animava o cinema mudo, as serestas e os saraus.

Organizou o primeiro Jazz Band de Santa Catarina, com o qual abrilhantava o carnaval da cidade de Brusque. Dirigiu a Banda Musical Concórdia, organizou e dirigiu vários corais religiosos e de jovens da comunidade. No Rio de Janeiro, em 1953, fez no Conservatório Nacional de Canto Orfeônico um curso intensivo, onde foi aluno de Villa-Lobos e Andrade Muricy, entre outros grandes nomes da música brasileira. Participou na mesma época do Curso de Férias da Pró-Arte de Teresópolis-RJ. Durante vários anos

foi professor de música do Ginásio Cônsul Carlos Renaux de Brusque.

Em 1956 fundou o Conservatório de Música de Brusque, filiado ao Conservatório de Música do Rio de Janeiro. Em 1961 foi convidado a assumir a direção da recém-fundada Associação Coral de Florianópolis, realizando excelente trabalho de consolidação daquela instituição. Sob sua regência foram realizados vários concertos, tanto em Florianópolis como em outras cidades do estado de Santa Catarina.

Na Capital do estado, onde viveu por dez anos, ocupou o cargo de Técnico da Divisão de Artes do Departamento de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura – Governo de Celso Ramos - onde realizou um trabalho de divulgação de músicas folclóricas brasileiras e catarinenses, bem como de obras musicais de autores catarinenses. É autor de inúmeras composições para Piano, Canto Coral, Banda de Música, além dos Hinos do Centenário de Brusque e Blumenau, Hino da Associação Coral de Florianópolis, entre outros. Aldo Krieger faleceu em Florianópolis, em 12 de outubro de 1972 (KRIEGER, 2004).



O INSTITUTO ALDO KRIEGER

O Instituto Aldo Krieger – IAK foi criado em 2002 objetivando as comemorações do centenário de nascimento do músico brusquense (<https://www.iak.org.br/>). O museu está estabelecido na Rua Paes Leme, nº. 63, Centro, Brusque, CEP 88350-22, em Santa Catarina, e trata-se de uma sociedade de direito privado, sem fins lucrativos. O IAK tem como principais objetivos promover, fomentar e apoiar atividades de manutenção, conservação e divulgação do acervo que conta com instrumentos musicais, objetos pessoais e toda a obra musical do Maestro Aldo Krieger . O acervo do IAK é composto por um total de aproximadamente três mil peças, divididas em cinco grandes áreas: acervo museológico, documental, instrumental, fotográfico e bibliográfico.

A instituição promove a SEMANA ALDO

KRIEGER, instituída pela Lei nº. 3.622/2013, que está na décima edição. Idealizada pelo músico brusquense Bruno Moritz, celebra a vida e a obra do maestro e multi-instrumentista Aldo Krieger, um dos mais significativos compositores catarinenses, cuja obra faz parte da formação da cultura musical brasileira. O Instituto tem realizado frequentemente atividades culturais, tais como: apresentações musicais, lançamentos de livros, exibições de filmes e espetáculos de narração de histórias, encenações, exposições, além de receber visitas escolares, com um público anual composto por mais de duas mil pessoas. Além dos ambientes da casa, o IAK possui uma concha acústica localizada na área externa, onde tem ocorrido grande parte das apresentações.

Considerações finais

Observamos a necessidade de espaços de compartilhamento de saberes sobre as casas museais de nossa querida cidade de Brusque. Acreditamos estar construindo um caminho com diversas possibilidades de atuação coletiva em prol da comunidade brusquense. Aproveitamos a oportunidade para registrar nossos agradecimentos pela oportunidade de podermos integrar este e-book da UNIFEBE, compartilhando com a comunidade acadêmica o acervo e as vivências do Instituto Aldo Krieger - IAK.

Referências

BETTA, Edineia Pereira da Silva. A costura de décadas: conhecendo a história da moda “pela voz singular dos teares”. In: **Notícias de Vicente Só**. Sociedade Amigos de Brusque, ano 1 (1977). Ano 15, n. 64. Brusque: Nova Letra, 2016.

DIÁRIO CATARINENSE. **Música está no sangue**. Clã entrosados e bem afinados. Caderno 4, Brusque, 31 de julho de 1999.

FAMÍLIA KRIEGER. **Gustavo Krieger**. 26 de janeiro de 1878. Centenário de Nascimento. Brusque, Santa Catarina. Editora Santuário. Aparecida, SP, 1978.

KRIEGER, Carmelo. **Aldo Krieger**: histórias contadas por Carmelo Krieger. Metrópole Indústria Gráfica. Porto Alegre (RS) - Florianópolis (SC), 2004.

MENDES, Raiany Teodoro Mendes; BETTA, Edineia Pereira da Silva Betta. **Alinhavando memórias e costurando histórias**: alfaiataria Krieger, pioneira na indústria de vestuário em Brusque. Artigo entregue como Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Design de Moda. Centro Universitário de Brusque - Unifebe, 2012. Disponível em: <http://www.unifebe.edu.br/biblioteca/vinculos/000004/0000040F.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2022.





COLEÇÃO DE
INDUMENTÁRIAS DO
CENTRO DE MEMÓRIA
INGO HERING

Alan Júnior Zabel¹

Kahina Thirsa Hostin²

Victor Armando Baumann³

Resumo

Este texto tem por objetivo apresentar o Centro de Memória Ingo Hering, espaço mantido pela Fundação Hermann Hering, no qual realiza-se a salvaguarda e documentação dos acervos históricos custodiados pela instituição, bem como atendimento a pesquisas e visitas técnicas / educativas. Dentre os documentos preservados, na sua maioria

originários da família Hering, e da Cia. Hering e suas marcas de vestuário, será dado enfoque para a coleção de indumentárias, que conta no momento com 571 peças de roupas, a maior parte artigos de malharia, explanando sobre os estágios e formatos de documentação e acondicionamento permanente desses itens.

Palavras-chave: Indumentária; Hering; Salvaguarda.

¹Assistente de documentação e pesquisa da Fundação Hermann Hering. Licenciado em História pela Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI. E-mail: alanzabel18@gmail.com

²Analista de documentação e pesquisa da Fundação Hermann Hering. Pós-graduanda em Ensino de História Antiga e Medieval pelo Instituto Tecnológico e Educacional de Curitiba - ITECNE. Licenciada em História pela Universidade Regional de Blumenau - FURB. E-mail: kahinathirsa@gmail.com

³Assistente de documentação e pesquisa da Fundação Hermann Hering. Licenciado em História pela Universidade Regional de Blumenau - FURB. E-mail: vbaumann900@gmail.com

⁴Instituição privada, sem fins lucrativos, criada em 1935 para conceder benefícios aos operários da Cia. Hering. Hoje desenvolve projetos ligados a: Empreendedorismo e Memória e Cultura.



**MUSEU
HERANG**

Introdução

A história da Cia Hering e suas marcas tem início em Blumenau-SC, em 1880, com a produção de artigos em malha de algodão. O uso de roupas de malha não era tão difundido quanto nos tempos atuais, e as peças produzidas pela família Hering serviam inicialmente de roupa íntima. Em atuação há mais de 140 anos, a Cia. Hering participou da construção e transformação da vestimenta básica dos brasileiros e brasileiras, e viu a camiseta de malha, sua peça ícone, tornar-se uma das vestimentas mais populares no ocidente, bem como uma ferramenta de expressão pessoal e de grupos sociais.

Essa trajetória é evidenciada pelos documentos históricos salvaguardados no Centro de Memória Ingo Hering (CMIH), espaço mantido pela Fundação Hermann Hering⁴. Tal instituição atende as demandas de salvaguarda e documentação de seu acervo histórico, realiza pesquisas internas e externas, atende a pesquisadores, media visitas técnicas/educativas e mantém

relação direta com o espaço expositivo Museu Hering. No CMIH são salvaguardados documentos de diferentes suportes: papel, fotografias, têxteis, indumentárias, quadros e outros objetos (troféus, placas, medalhas, brindes, etc.), oriundos dos séculos XIX, XX e XXI, relacionados à memória da família Hering, da empresa Cia. Hering, das marcas de vestuário e instituições relacionadas, do patrimônio construído e de inúmeros sujeitos históricos e contempla aspectos:

[...] da imigração no sul do Brasil, do desenvolvimento da indústria local e nacional, da história da camiseta e vestuário do básico no Brasil, dos reflexos da Segunda Guerra e campanha de nacionalização no país, da história política local, história do operariado e mão de obra feminina, do empreendedorismo e gestão empresarial, da arquitetura moderna e arquitetura de imigração, entre outros possíveis temas transversais (CENTRO DE MEMÓRIA INGO HERING, 2021, p. 5).





Fotos: Arquivo da Fundação Hermann Hering (2018)

Processo de higienização mecânica de indumentária com aspirador



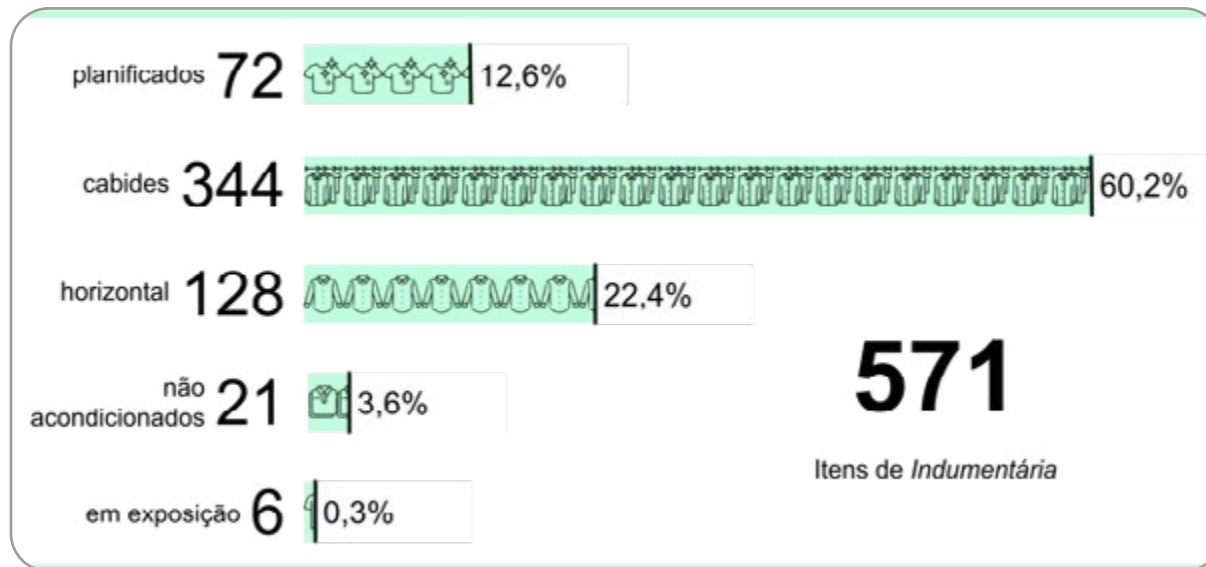
Camiseta (década de 1970), com cores e emblema da Associação Portuguesa de Desportos, acondicionada no formato planificado

COLEÇÃO DE INDUMENTÁRIAS

Dada a natureza da empresa Cia. Hering, dentre os bens salvaguardados se insere uma considerável coleção de peças de indumentárias. Estes itens, que incluem, além de camisetas (peça ícone da marca Hering), calças, vestidos, blusas, moletons, peças íntimas, entre outros, são provenientes das marcas de vestuário, antigas e contemporâneas, pertencentes e licenciadas da Cia Hering. Em termos quantitativos, o CMIH preserva 571 peças de indumentárias, que representam 1,4% do total de acervos já documenta-

dos; essas estão em diferentes estágios e formatos de documentação e acondicionamento.

A respeito da documentação, objetiva-se que todos os itens preservados venham a passar pelas etapas de triagem, higienização mecânica, catalogação e digitalização/fotografia, e sejam disponibilizados ao público externo em formato digital. No caso das indumentárias, é visado o agrupamento por marcas, período de produção e coleção e a catalogação inclui a descrição física da peça, e contextualização pautada



Formato de guarda dos acervos de indumentária do CMIH

em sua produção, divulgação e comercialização.

Com relação à conservação das peças de indumentárias, seguimos o processo de higienização superficial recomendado por bibliografias acerca do tema, como o Manual de Conservação Preventiva - Acervos têxteis do Museu Parque da Baronesa (2015). A higienização realizada é mecânica, consistindo no uso de aspirador de pó com bocal, conforme imagem.

Para a guarda permanente, mantém-se dois formatos, “planificados” e “em cabides”. Aproximadamente 90% da coleção é constituída por peças de malharia, considerando que “malhas são tecidos cuja estrutura física (obtida por meio de laçadas) se movimentam quando colocadas sob diversos aspectos tais

como a tensão” (KNOP, 2015, p. 18), a forma mais indicada de guarda é no formato horizontal, de forma que fiquem planificadas evitando assim os impactos do acondicionamento verticalizado sobre o acervo a médio e longo prazo. Além de serem planificadas, no CMIH utiliza-se acolchoados, em formato de “rolinhos” feitos com tecido de algodão, colocados nas extremidades em possíveis pontos de tensionamento, e por fim um revestimento completo com TNT para evitar a exposição das peças à luz e agentes biológicos.

Infortunadamente são poucas as instituições possuidoras de acervos têxteis que os conseguem acondicionar na íntegra no formato apresentado. No caso do CMIH, a maior parte, 60,2% do acervo está



acondicionado verticalmente, através de cabides plásticos revestidos com acolchoado em algodão, o que ocasiona o tensionamento de alguns pontos da peça, prejudicando sua conservação a longo prazo. O gráfico abaixo faz um resumo quantitativo e percentual da forma de acondicionamento atual destes materiais:

Além das peças planejadas e acondicionadas em cabides, o gráfico aponta os itens “horizontal”, que estão em processo de guarda, faltando catalogar e higienizar; “não acondicionados”, doações recentes em espera de processamento; “exposição”, expostas ao público no Museu Hering, na vertical, em moldes acolchoados e com proteção de vidro.

PESQUISA E COMUNICAÇÃO

A indumentária permite entender pensamentos e atitudes daqueles que foram ou são contemporâneos de tendências marcantes, as quais permanecem no imaginário popular através dos tempos. Segundo a autora Ivany Simili, em seu artigo *As roupas como documentos nas narrativas históricas*, através do vestuário é possível:

Captar e acompanhar nas roupas os fluxos das mudanças históricas, sociais e culturais em diferentes



tempos e espaços; dimensionar as histórias do vestir e das vestimentas que as indumentárias dos personagens carregam e comunicam; perceber os processos de significação do vestuário desenvolvidos pelas pessoas nas relações sociais, bem como as linguagens simbólicas que movimentam os usos das vestes, instituem-se como recursos para explorar os vestuários nas narrativas históricas (SIMILI, 2016, p. 1).

Ainda, o vestuário, visto como documento histórico, tem a contribuir enquanto vestígio da cultura material, que nos “revela detalhes da construção, do tecido e da técnica, assim como a tecnologia envolvida na sua produção” (Idem). No que tange às pesquisas do Centro de Memória Ingo Hering, desde 2014

até a atualidade, foram registradas 421 solicitações de pesquisa ou cessão documental feitas pela instituição e atendimento à demanda de pesquisadores. Essas pesquisas contribuíram para trabalhos da indústria do vestuário como desenvolvimento de coleções e campanhas de marketing, pesquisas acadêmicas, matérias publicitárias e ações educativas.

Considerações finais

As indumentárias, aliadas à outras tipologias documentais, como registros institucionais, relatórios de imprensa, materiais publicitários, relatos orais e fotografias, permitem traçar panoramas de hábitos de vestimenta, consumo, produção têxtil e temas correlatos no Brasil entre os séculos XIX, XX e XXI. Além do que, preservar tais documentos configura-se enquanto investimento para o futuro, lugar que concederá significações e importâncias atualmente desconhecidas.





Referências

CENTRO DE MEMÓRIA INGO HERING. **Política de Acervo**. Blumenau, 2021.

KNOP, Daniel Philipi. **Análises sobre a conservação de acervos em malha** (Relatório de Estágio Supervisionado). Ateliê de Conservação-Restauração de Bens Culturais Móveis. Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural. Fundação Catarinense de Cultura. Florianópolis, 2015.

MARTINS, Larissa Tavares. **Manual de conservação preventiva - acervos têxteis**: manuseio, acondicionamento e armazenamento. Museu Municipal Parque da Baronesa. Pelotas: Santa Maria, 2015.

MUSEU HERING. **Guia para registro, inventário e catalogação**. Coordenação de Gustavo Nascimento Paes. Blumenau: [s.n.], 2015.

SIMILI, Ivani Guilherme. **As roupas como documentos nas narrativas históricas**. Patrimônio e Memória (UNESP), São Paulo, v. 12, p. 237-261, 2016. Disponível em: <https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/484/885>. Acesso em: 18 jul. 2022.



“Em primeiro lugar, porque eu imagino que essas coleções devam guardar alguma coisa para permitir estabelecer através delas um vínculo de identidade com elas próprias, ou com um grupo. Dessa forma, esses conglomerados documentais, assim como o espaço que os abriga, representam um lugar e um tempo que me possibilitam criar uma identidade. Segundo, porque novamente esses conglomerados documentais, além do seu simples arranjo que já é uma narrativa, me permitem também enunciar outros discursos, quando me apropriro deles. Assim, eles me autorizam a contar uma história, que pelo fato de ser fundamentada neles, torna-se também memória. E, mais ainda, porque posso me apropriar deles não só para contar o passado, mas também para agir no presente.”

Eduardo Ismael Murguía

